

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MICHAEL DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SOCIOLOGIA:
ESTUDO SOBRE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA A PARTIR DO UNIVERSO
X-MEN

PASSO FUNDO

2023

MICHAEL DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SOCIOLOGIA:
ESTUDO SOBRE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA A PARTIR DO UNIVERSO
X-MEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Ciências Sociais, do Campus Litoral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Lorena Cândido Fleury.
Coorientadora: Prof. Ma. Gabriela Dias Blanco.

Passo Fundo

2023

CIP – Catalogação na Publicação

Oliveira, Michael de

Histórias em quadrinhos e sociologia: Estudo sobre preconceito e intolerância a partir do universo X-MEN / Michael de Oliveira. -- 2023.
60 f.

Orientadora: Dr^a. Lorena Cândido Fleury

Coorientadora: Prof. Ma. Gabriela Dias Blanco.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais, Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Preconceito. 2. Intolerância. 3. X-MEN. 4. Histórias em Quadrinhos. 5. Sociologia. I. Fleury, Lorena Cândido, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MICHAEL DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SOCIOLOGIA:
ESTUDO SOBRE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA A PARTIR DO UNIVERSO
X-MEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Ciências Sociais, do Campus Litoral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Lorena Cândido Fleury.
Coorientadora: Prof. Ma. Gabriela Dias Blanco.

Data de aprovação: 16 de janeiro de 2023

Banca examinadora

Prof. Dr. Olavo Ramalho Marques

Prof. Me. Renan Santos

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada primeiramente a Deus, alicerce de meu intelecto e companheiro em todas as horas.

À minha esposa Aline, que foi tolerante frente aos momentos de ausência por conta da jornada.

Ao meu filho Samuel, que, da mesma forma foi tolerante, mas especialmente que me sugeriu, mesmo sem querer, a temática deste trabalho.

Aos meus colegas de curso: Ana Cristina Rhoden, Valdirene Lorenzet, Rosane Schmit, Elaine Cristina e Pitágoras Shahim, pelo apoio e parceria ao longo destes quatro anos de caminhada.

A todos os professores, professoras, tutores e tutoras, além dos profissionais ligados ao polo de Camargo pelo trabalho despendido a mim e aos meus colegas neste tempo de curso.

À minha orientadora, Prof. Dr^a. Lorena Cândido Fleury, também à coorientadora Prof. Ma. Gabriela Dias Blanco, pela contribuição assaz importante na condução deste trabalho monográfico.

“I used to be embarrassed because I was just a comic-book writer while other people were building bridges or going on to medical careers. And then I began to realize: Entertainment is one of the most important things in people’s lives. Without it, they might go off the deep end. I feel that if you’re able to entertain, you’re doing a good thing” (Stan Lee em entrevista para o The Washington Post).

(“Eu costumava ficar envergonhado porque eu era apenas um escritor de quadrinhos enquanto outras pessoas construíam pontes ou seguiam carreiras médicas. E então comecei a perceber: o entretenimento é uma das coisas mais importantes na vida das pessoas. Sem isso eles podem parar no fundo do poço. Eu sinto que se você é capaz de entreter as pessoas, você está fazendo algo de bom”).

RESUMO

O presente trabalho realiza uma reflexão sociológica sobre o preconceito e a intolerância, tendo como base a análise das temáticas presentes nas histórias em quadrinhos do gênero da superaventura, especificamente do universo X-MEN. A motivação principal é proporcionar reflexão sociológica de fácil compreensão acerca do preconceito e da intolerância. O objetivo é analisar as histórias em quadrinhos como meio de reflexão da sociedade. Como questão principal, buscamos perceber como as histórias em quadrinhos dos X-MEN podem contribuir para a produção de uma reflexão sociológica sobre preconceito e intolerância entre os jovens. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica observando a utilização de histórias em quadrinhos como ferramenta didática com possibilidades de aplicação nas aulas de sociologia, partindo de comentários a respeito do que a literatura já vem apresentando em obras sobre essa problemática. A intenção é inserir conceitos oriundos de sociólogos como o conceito de fato social, utilizando o conceito da coerção social, contida na obra de Durkheim. Atingindo nosso objetivo principal ao apresentar um estudo de análise das histórias em quadrinhos enquanto forma de reflexão da sociedade atual. Assim, proporcionamos aos alunos e alunas formas diversificadas e acessíveis de compreensão tendo por base os temas sociológicos. Concluindo que tal possibilidade é válida e se oferece enquanto alternativa de reflexão orientada com vistas ao estranhamento e desnaturalização.

Palavras-chave: Intolerância. Preconceito. X-MEN. Histórias em quadrinhos. Sociologia.

ABSTRACT

This paper aims to provide a sociological reflection on prejudice and intolerance based on the analysis through the themes provided in comics of the super-adventure genre, specifically the X-MEN universe. The main motivation is to provide easy-to-understand sociological reflection on prejudice and intolerance. The goal is to analyze comics as a means of reflection on society. As a main question, we seek to understand how the X-MEN comics can contribute to the production of a sociological reflection about prejudice and intolerance among young people. This is a bibliographic research observing the use of comics as a didactic tool with possibilities of application in sociology classes, starting from comments about what the literature has already presented in works about this problem. The intention is to insert concepts from sociologists, such as the concept of social fact, using the issue of social coercion, contained in Durkheim's work. Achieving our main goal by presenting an analysis study of comics as a form of reflection on today's society. Thus, we provide the students with diversified and accessible ways of understanding based on sociological themes. Concluding that such possibility is valid and offers itself as an alternative of reflection oriented towards estrangement and denaturalization.

Keywords: Intolerance. Prejudice. X-MEN. Comics. Sociology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Superman versus Hitler em 1940.....	25
Figura 2 - Superman, Hitler e Tojo, capa de 1942.....	25
Figura 3 - Sobre direitos dos mutantes.....	28
Figura 4 - X-MEN e o apartheid.....	28
Figura 5 - Manifestação contra os mutantes.....	37
Figura 6 - Coluna Stan Lee.....	40
Figura 7 - Sobre a cura mutante.....	44
Figura 8 - Consequências da cura mutante.....	45
Figura 9 - Alusão à cura gay.....	47
Figura 10 - Rótulos nos mutantes.....	51
Figura 11 - Discurso do Reverendo Stryker.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ORIGENS.....	15
1.1 AS HQ's ENQUANTO LITERATURA.....	15
1.2 ORIGEM DO UNIVERSO MUTANTE X-MEN.....	19
1.3 CONTEXTO SOCIAL DA CRIAÇÃO DOS X-MEN.....	22
2 NA SOCIOLOGIA.....	29
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORIGEM DA SOCIOLOGIA.....	29
2.2 X-MEN E O FATO SOCIAL.....	31
3 PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA.....	38
3.1 DESTAQUE PARA AS MINORIAS.....	38
3.2 DENTRO DA SALA DE AULA.....	48
4 CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

Histórias em Quadrinhos (HQ's) com sociologia? Mas em que medida estas duas áreas podem se encontrar em um universo acadêmico e educacional? Estas podem ser questões que qualquer pessoa, ao deparar-se com a proposição do presente trabalho, predispõe-se a fazê-las, considerando-se o estranhamento entre a proximidade (ou falta de) do universo sociológico com o universo do entretenimento representado pelas HQ's dos mais diversos gêneros. É exatamente neste ponto, do entretenimento, que tal situação torna-se diversa e difusa. As HQ's fazem parte de um universo que visa, obviamente, o entretenimento, entretanto não se pode considerá-las exclusivamente um método de *passa-tempo*, de busca por distração, de utilização por alguém que não tenha nada melhor para fazer, a ideia vai além deste tipo de questão.

O universo dos quadrinhos, quando bem explorado, pode apresentar diversidade de temáticas a serem trabalhadas por filósofos e sociólogos, podendo, inclusive, ser utilizado de forma educativa e pedagógica, uma vez que apresenta-se, enquanto texto, de forma aprazível ao jovem da atualidade, como também o fora outrora, em sua gênese, proporcionando um debate qualificado para as áreas em questão. Estas diferentes temáticas que as HQ's vêm abordar já são utilizadas enquanto recurso pedagógico através do que chamamos “tirinhas” contendo uma reflexão acerca de questões sociais. Mas não somente as “tirinhas” podem ser utilizadas, outras formas de HQ's também apresentam boa percepção da sociedade.

Atualmente percebemos uma juventude cada vez mais conectada em informações visuais, buscando fixar-se no que lhes é agradável, o que lhes chama a atenção e que se torna atrativo para sua compreensão. Entretanto, muitas vezes, estes jovens estudantes não se colocam atentos às entrelinhas, aos meandros que se apresentam, sem considerar o que está abstruso ao que estão visualizando. Neste sentido as HQ's clássicas muito têm a contribuir com a apreensão da atenção juvenil para temáticas sociológicas, visto sua peculiaridade em relação à junção de textos com imagens abstraindo, de maneira mais prática, o significado destes textos.

É comum perceber que os jovens em idade escolar de ensino médio buscam estar conectados com o universo dos quadrinhos, especialmente quando citamos as empresas gigantes do setor que oferecem o gênero da superaventura, a saber: Marvel e DC Comics, pois contam com pessoas que aparecem como super-heróis, sendo estes incutidos no imaginário, desde muito cedo, como exemplos de seres, com superpoderes e que lutam por toda a humanidade.

Neste mesmo sentido, é importante destacar o motivo pelo qual surgiu a ideia de apresentar este estudo. A sugestão para tal partiu de uma conversa com Samuel, um adolescente de 14 anos, filho do autor do presente estudo, que em conversa informal entre pai e filho apresentou a ideia de que os personagens principais das HQ's do universo X-MEN, Professor Xavier e Magneto, seriam inspirados em Martin Luther King Jr. e Malcom X, respectivamente. O comentário motivou o pesquisador a explorar mais essa relação.

Conforme levantamento feito pela GFK, empresa alemã que realizou pesquisa entre livrarias físicas e digitais, o consumo de HQ's enquanto literatura teve grande crescimento no Brasil durante a pandemia¹. Assim, a pesquisa divulgou que o consumo do gênero subiu do 5º lugar para o 2º lugar, ficando atrás apenas do gênero “romance”. O adulto jovem é o principal consumidor do gênero. Na mesma linha segue uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro², que traz outros dados interessantes. Tal pesquisa percebeu que o gênero feminino passou a ler mais, além de que, quando relacionamos com a leitura de HQ's, o estudo aponta que as crianças do ensino fundamental e os jovens em idade universitária são os que mais a consomem.

Já em outra pesquisa, encomendada pelo “Omelete Group”³, site que se propõe a divulgação da cultura Geek⁴, aponta que dos entrevistados, 20% tem preferência pelas HQ's da MARVEL Comics, ocupando a primeira posição na preferência, X-MEN estão na preferência de 7% dos leitores e Wolverine é preferido por outros 6%, somando 13% e ficando, portanto, na terceira colocação entre personagens e séries preferidas. Estes leitores, da mesma forma, estabelecem-se como jovens adultos.

Ainda, com o sucesso dos quadrinhos, diversas franquias de filmes deste universo apresentam relevante êxito, há pelo menos 20 anos, com pessoas de todas as idades. Porém, se considerarmos o primeiro filme produzido com a temática de super-herói, chegamos a um sucesso que já conta com mais de 100 anos. O primeiro filme produzido do gênero foi o filme intitulado “Judex”, oriundo do latim significando “Juiz”, de 1914.

Entretanto, nem sempre nos colocamos abertos a saber a respeito do que motivou os autores a criarem aqueles personagens. Assim surgem os X-MEN, mutantes excluídos pelos

¹ Reportagem sobre a pesquisa pode ser acessada no link: <<https://globoplay.globo.com/v/8693665/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

² Reportagem sobre a pesquisa pode ser acessada no link: <<https://minadehq.com.br/quem-le-quadrinhos-no-brasil/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

³ Reportagem sobre a pesquisa pode ser acessada no link: <<https://www.coxinhanerd.com.br/hq-em-papel/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

⁴ A cultura geek caracteriza-se como um grupo de pessoas que se interessam por tecnologias, games, RPG, Mangás, Animes, HQ's, ficção científica, universos de fantasia, entre outros. Também gostam de fantasiar-se como seus personagens preferidos, popularmente chamados de “cosplay”, com grandes encontros para a celebração dessa cultura. Assemelha-se com a cultura nerd, porém com maior vida social.

humanos e que lutam, de diversas formas, pela sua aceitação na humanidade, buscando seu lugar no mundo, visando o término de uma espécie de apartheid, onde os humanos “normais”, por receio, buscam conter os humanos com mutações genéticas. Os X-MEN vem a ser um grupo de super-heróis, dotados de poderes sobrehumanos, comandados pelo personagem “Professor X” (ou Professor Xavier), que buscam a aceitação de sua forma humana, mas que tem mutação genética no chamado “gene X”, por parte dos humanos “normais”. Para isso buscam batalhas contra os “normais” bem como contra outros mutantes que visam à aceitação pela força, este grupo é chamado de “Irmandade de mutantes” e são liderados por “Magneto”.

A motivação principal deste trabalho é proporcionar uma reflexão sociológica de fácil compreensão acerca do preconceito e da intolerância, seja racial, religiosa, de gênero, xenofóbica, entre outras. Assim, o objetivo é analisar as HQ's como meio de reflexão da sociedade, proporcionando aos jovens uma maneira de compreensão diferenciada acerca de temas sociológicos. Dessa forma, como questão principal, buscamos perceber como as HQ's dos X-MEN podem contribuir para a produção de uma reflexão sociológica sobre preconceitos e intolerância entre os jovens?

Assim, através das especificidades de cada personagem do universo X-MEN, será possível apresentar o que cada um deles vem a representar, através da visão dos autores, na sociedade, proporcionando, em sala de aula, o estranhamento em referência aos conceitos relacionados ao preconceito e intolerância que muito nos rodeiam na atualidade. Desta forma, os jovens em sala de aula poderão confrontar o conceito dos autores com a ideia que eles próprios constroem através de uma leitura crítica do perfil destes personagens.

Para a formatação deste escrito foi necessária a preocupação com a busca de textos que fundamentassem o que se pretende colocar em estudo. Basicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica elaborada com o intuito de formulação de um trabalho que tenha por gênese a utilização de histórias em quadrinhos como ferramenta didática com possibilidades de aplicação nas aulas de sociologia. Assim, a base teórica parte de comentários a respeito do que a literatura já vem apresentando em obras acerca da problemática contida no universo X-MEN, bem como uma análise geral sobre o desenrolar das HQ's desse mesmo universo.

Da mesma forma, na proposição do presente estudo, a intenção foi de inserir conceitos oriundos de sociólogos em relação a questões possíveis de serem associados à literatura, como, por exemplo, o conceito de fato social, utilizando a questão da coerção social, contida na obra de Durkheim, pois apresenta os fatos sociais enquanto fenômenos sociais coercitivos, exteriores (que independem da vontade do indivíduo) e com representação coletiva, que são

reflexos de determinada sociedade, surgindo da necessidade da coletividade, ou seja, os fatos sociais são parte integrante de determinado contexto cultural.

Portanto, tal estudo torna-se um campo profícuo para que a juventude possa perceber os meandros das histórias e as diferenças de cada personagem em um contexto de ensino da sociologia, tornando-se, também eles, observadores de contextos apresentados neste tipo de literatura.

A formulação do material proposto utiliza uma estrutura contendo três capítulos distintos abordando o desenvolvimento do texto. No primeiro capítulo, intitulado “Origens”, vamos abordar o contexto histórico da criação deste universo mutante X-MEN. Assim, se observará questões acerca do gênero da superaventura nas HQ’s enquanto clássico literário em determinadas situações.

No segundo capítulo, intitulado “Na Sociologia”, abordamos a origem dos métodos sociológicos tornados ciência. Assim destacamos Auguste Comte e Émile Durkheim, principalmente o segundo. No que se refere a Durkheim partimos em busca da relação entre as HQ’s do universo X-MEN com o conceito de “fato social” e, especialmente, a relação com a questão da coerção social.

O terceiro capítulo, com o título “Preconceito e Intolerância” objetiva desenvolver essas questões trazendo-as para a atualidade, refletindo sobre a possibilidade de utilizar esta dinâmica em sala de aula através das HQ’s, pelo desenvolvimento de didáticas eficazes para a apreensão da atenção dos alunos e alunas.

1 ORIGENS

Neste primeiro capítulo se buscará abordar o contexto histórico, desde a criação do universo mutante contido na obra do grupo de super-heróis X-MEN. Ainda se levará em consideração questões relacionadas ao gênero da superaventura nas histórias em quadrinhos como clássico literário, gênero pelo qual se classifica as HQ's em questão. Tal esforço visa contextualizar e trazer referências ao leitor deste estudo para que não seja, este gênero e a compreensão de tal, de todo estranho.

1.1 AS HQ's ENQUANTO LITERATURA

É primaz a percepção de que as HQ's fazem parte de um dos principais meios pelos quais a criança se insere no universo da literatura, faz parte de um repertório que não é tão vasto nos primeiros momentos de leitura das crianças e dos jovens, desde sua concepção datada da década de 1930, através de uma literatura simples e com curta publicação, não mais que alguns poucos quadros a serem lidos e apreciados. É comum constatar que a grande maioria dos leitores atuais tiveram sua inserção no mundo literário desde a leitura das HQ's, inclusive este que vos escreve o presente trabalho.

Um fator interessante a ser abordado em cada estudo, sempre, é a contextualização da temática proposta no trabalho. Neste caso já está claro que nos ocuparemos em tratar das questões relativas à intolerância e o preconceito a partir do universo das HQ's dos X-MEN. Assim se torna importante apresentar a ideia de que este tipo de literatura pode ser, também, considerada como textos clássicos, tendo em vista que, especialmente percebendo o universo que esta proposição apresenta, a sua atemporalidade é visível, especialmente quando utilizamos o universo X-MEN como ponto de partida.

Ainda assim, cabe destacar a falta de unanimidade no que se refere às HQ's serem, de fato, consideradas enquanto literatura. Conforme afirmam Fábio Mahal Gonçalves, Fábio Tadeu Reina, Ranyella Cristina de Siqueira e Marco Aurélio de Carvalho:

[...] essa tentativa de aproximar os quadrinhos da literatura é, por vezes, criticada. Zeni (2014)⁵ tentou fazer essa aproximação, por acreditar se tratar de um meio para o reconhecimento dos quadrinhos como arte autônoma e

⁵ Referindo-se a ZENI, Lielson. Por que usar quadrinhos em sala de aula? Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos, v. 3, p. 125-129, 2014.

digna de valorização. Porém, o autor reconhece que, nessa tentativa, estava desvalorizando a arte que tanto pretendia valorizar. Quadrinhos não são literatura assim como dança, teatro e cinema também não o são (GONÇALVES et al., 2020, p.226).

Entretanto, é difícil sustentar a ideia de que os quadrinhos não possam se conectar ao universo da literatura, pois, de forma muito simples, o verbete “literatura” no dicionário nos apresenta que é uma “forma de expressão escrita que se considera ter mérito estético ou estilístico” (PRIBERAM, 2021, s/p) e um “conjunto de textos ou obras escritas sobre determinado assunto” (PRIBERAM, 2021, s/p). Assim, percebemos que o conceito de “literatura” está conectado a uma forma de expressão linguística, bem como textos escritos sobre um assunto. De tal forma as HQ’s se encaixam nessas características. Assim, fica evidente a conexão entre o gênero que as HQ’s fazem parte com a literatura como tal.

Mais difícil que comprovar as HQ’s enquanto literatura é comprová-las enquanto “clássico literário”. Porém, há questões que podem ser levantadas visando trazer luz a essa tese. Neste sentido, em outra publicação feita por este que vos escreve agora, foram abordadas questões relacionadas aos textos clássicos para compreendermos algumas características que se destacam acerca destes:

Chamamos clássico um texto que tenha sua importância histórica e que, após diversos anos, continue a colocar sua mensagem para o leitor. Portanto, clássico é o texto que não contém prazo de validade, trazendo a cada nova leitura outras perspectivas intrigantes que continuem a desafiar o intelecto em busca de problematizações. [...] Importante o destaque acerca da palavra clássico, que provém do latim *classicus*, ou seja, dizia respeito às classes mais altas da sociedade romana e, por comparação, indicava algo que tinha superioridade em relação a outro. Por isso diz-se clássica determinada obra que se sobreponha em relação a outras de origem semelhante e que contenha sua importância na comunidade leitora de todos os tempos (OLIVEIRA, 2019, p.146).

Na questão de textos considerados clássicos, Ítalo Calvino, em sua obra “Por que ler os clássicos”, lista importantes pontos de reflexão para se chegar ao conceito de texto clássico. O autor discorre, em sua análise, apresentando colocações que, em sua concepção, transformam um texto literário em obra importantíssima, colocando-se entre o rol das obras de destaque na história da literatura. Todos os pontos que ele apresenta são de imensa valia para o presente estudo, pois vem corroborar com a ideia aqui apresentada, de que uma HQ pode ser inserida neste universo de destaque.

Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. A definição que dela podemos dar então será: Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam na dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo (CALVINO, 2002, s/p).

Um fator interessante a atentarmos reside na questão da época em que se lê determinada obra literária, ou melhor, a idade que temos no momento da leitura realizada. Tal fator é muito importante, pois, ao ler uma obra na tenra idade, teremos um determinado aspecto, não teremos a atenção necessária para que a leitura nos prenda de maneira a compreender o que, de fato, o texto está a nos apresentar, tornando-se a leitura um tanto superficial. No momento que tornamos a ler determinada obra, em outra época de nossas vidas, já na maturidade, o texto torna-se diferente e pode-se perceber com maior facilidade os meandros apresentados pelo texto. No caso das HQ's do universo mutante X-MEN não é diferente.

Calvino é muito sucinto e direto nesta análise, tanto na questão do texto clássico quanto da questão da leitura em idade jovem. No dizer de Calvino (2002):

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência de vida. [...] Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. [...] A definição que dela podemos dar então será: Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual (CALVINO, 2002, s/p).

Percebam, leitores, que Calvino utiliza como gênese de seu pensamento o livro. Isto quer dizer então que apenas o livro pode ser uma literatura? Obviamente que não, isto fica de fácil compreensão quando percebemos a definição de conceito de clássico para ele ao afirmar que são obras com o poder de influenciar enquanto inesquecíveis e ao mimetizar-se em relação à vida social. Ou seja, o clássico é a obra literária que consegue estar presente na vida individual ao apresentar o escrito como obra coletiva, imitando a vida em sociedade. Nas ciências sociais isto é um fator de relevante importância.

A partir desta definição de Calvino acerca do que é um clássico literário podemos compreender facilmente que, em que pese as HQ's serem não apenas literatura, mas também

poder-se-á inseri-las em outras áreas relacionadas às artes, elas ultrapassam o sentido de literatura e inserem-se, por óbvio, na área da arte. Em outras palavras, além de estarem conectadas enquanto arte as HQ's são literatura. Ora, excluindo as ilustrações das HQ's e colocando o texto em formato “corrido”, sem estar em “balões de diálogo”, poder-se-ia dizer que não é literatura? Certamente que não. Então este tipo de literatura, unida ao fato da ilustração, possui grande poder de influência, uma vez que o aspecto visual sobressai em relação a outras opções de literatura podendo fazer com que o leitor abstraia de melhor forma o conteúdo ali desenvolvido.

Como não afirmar que histórias do universo X-MEN como “Deus ama o homem mata”, “A saga da fênix negra”, ou ainda “Dias de um futuro esquecido”, não podem estar colocados em uma área disposta a grandes clássicos das HQ's de todos os tempos? Ultrapassando até mesmo o universo da superaventura e estabelecendo-se como obras das mais altas qualidades textuais e artísticas. Mesmo sem ter o refino de linguagem, utilizando-se de um linguajar coloquial, tais histórias estão colocadas como importantes no mundo das HQ's.

Assim, se torna muito importante que percebamos este tipo de literatura, de fato, redundantemente, como literatura, que é capaz de transmitir conhecimento ao seu leitor apreciador, especialmente quando temos em tela histórias como X-MEN. Entretanto, o destaque se faz importante, para que isso ocorra, é necessário olhar atentamente ao enredo que se apresenta, pois a riqueza disto está no detalhe que pode passar despercebido do leitor, principalmente quando o seu processo de amadurecimento intelectual está em fase inicial. O interesse genuíno que jovens tendem a ter à literatura de HQ's pode ser um ótimo aliado para, a partir dela, produzirem-se reflexões sociológicas com a mediação do professor em sala de aula, mesmo que este jovem possa considerar, naquele momento, apenas como entretenimento. Acerca deste enredo muitas vezes oculto nas HQ's, Edmilson Marques muito bem explora tal situação:

Analisar o universo das HQ é algo complexo. Pode parecer cômico esta ideia da complexidade interpretativa existente nas histórias em quadrinhos, porém a questão é que estas são encaradas por muitas pessoas como uma literatura descartável, uma leitura que não contribui em termos intelectuais, o que acaba por provocar seu descaso. Assim, através de um olhar atento, percebe-se que as histórias em quadrinhos são envolvidas por múltiplas determinações que só tornam possíveis de serem compreendidas se submetidas a um processo rigoroso de análise. [...] As histórias em quadrinhos são partes da totalidade que representa a sociedade e, devido a isso, devem ser encaradas como uma rica fonte (MARQUES, 2011, p.93).

A sobreposição entre imagem e texto apresenta grande benefício ao percebermos que o leitor prende sua atenção justamente por conta deste ponto, pode-se dizer que é agradável ao leitor esta técnica. Neste sentido o leitor deve estar predisposto a possuir capacidades de interpretação que estejam conectadas ao campo verbal e também visual. É por este motivo que as HQ's tornam-se uma importante ferramenta de treinamento do leitor frente à compreensão de textos literários.

Outra questão importante a ser destacada neste momento em que observamos a escrita enquanto literatura, especialmente no momento em que a ideia é justamente estarmos atentos ao contexto sociológico deste tipo de literatura, é de que o texto sempre vai refletir determinada relação social, vai buscar esta manifestação mesmo que não de forma direta, explícita, abordando fatores reais ou oriundos de acontecimentos reais, mas os autores vão colocando suas palavras de modo a expor alguns valores, alguma concepções, ou ainda os sentimentos do momento utilizando a relação entre o vivenciado e a temática que estão abordando com seu escrito.

1.2 ORIGEM DO UNIVERSO MUTANTE X-MEN

No sentido de tornar conhecida a ideia da proposição deste universo mutante, para que não se torne estranho ao leitor a proposição apresentada, se faz importante a divulgação da informação de como tal universo fora pensado por seus criadores, qual a origem do universo mutante frente ao universo do gênero da superaventura que fez e ainda faz tanto sucesso no mundo todo. Assim, há necessidade de colocar que a construção dos personagens do universo X-MEN foi proposta, nos EUA, por dois autores, quadrinistas: Stan Lee e Jack Kirby. Ambos notáveis por diversas criações no mundo da superaventura.

Stan Lee, antes mesmo da criação dos X-MEN, já se destacava por criações como o Homem-Aranha (Spider-Man). Kirby também vinha de uma carreira de sucesso com criações como o Capitão América (Captain America). Em ambos os personagens, Homem-Aranha e Capitão América, percebem-se algumas características marcantes e que se unem em um universo com uma visão mais sociológica do transcorrer das vidas dos personagens: as suas vidas são marcadas por conflitos sociais.

O Homem-Aranha é Peter Parker, um adolescente órfão, criado por um casal de tios e com conflitos comuns à sua tenra idade. O Capitão-América é Steven Rogers, um cidadão comum, com suas fraquezas, inclusive físicas, e que adquire poderes através de uma

experiência científica que visa a criação de um super soldado com o intuito de utilizá-lo como arma de guerra frente às batalhas que os EUA travavam, vindo a lutar, no decorrer de sua história, até mesmo contra o nazismo representado pelo seu principal antagonista, o Caveira Vermelha.

Ou seja, ambos os autores já tinham como costume a abordagem da vida comum, com seus conflitos, seus dramas, seu contexto social, em suas criações até então produzidas. Portanto, tendo em vista o sucesso que estes personagens já apresentavam, torna-se clara a intenção de continuar tal abordagem nas novas criações, especialmente após ambos se juntarem em trabalhos. Os dois consagrados criadores uniram-se e iniciaram uma linha de personagens muito frutíferos em conjunto, que adquiriram grande destaque dos apreciadores das HQ's.

O primeiro trabalho com destaque elevado foram exatamente os X-MEN, criados em 1963 com um grupo inicial de quatro personagens: Professor X (Charles Xavier), Ciclope (Scott Summers), o Fera (Hank MacCoy), o Anjo (Warren Worthington III), o Homem de gelo (Robert "Bobby" Louis Drake) e a Garota Marvel (Jean Grey) que torna-se, também, a Fênix Negra ao não conseguir dominar toda a potência de seus poderes.

Estes cinco personagens iniciais combatiam contra os ideais propostos por Magneto (Erik Magnus Lehnsherr) e sua "Irmandade de Mutantes", nome dado ao grupo de mutantes reunidos por Magneto, composta por: Mercúrio (Pietro Maximoff), Feiticeira Escarlate (Wanda Maximoff), Mestre Mental (Jason Wyngarde) e Groxo (Mortimer Toynbee).

Logicamente, uma HQ que tenha vida tão longa quanto a que abordamos neste trabalho passou por diversas situações. Desde seu início promissor até a chegada de algumas crises que interferiram para que diversas mudanças surgissem, entretanto sem perder a essência que fez com que X-MEN tivesse tanto sucesso, a saber, o envolvimento com questões sociais.

A fase de Lee e Kirby à frente das HQ's X-MEN também teve um fim. Diversos substitutos foram surgindo através dos anos, tais como: Neal Adams e Roy Thomas, produtores de algumas das melhores HQ's dos X-MEN originais. Depois vieram Len Wein e Dave Cockrum, que conseguiram reerguer a franquia através de uma versão atualizada do grupo de heróis em uma nova forma de revista, a chamada "Giant Size" após momentos delicados em que as vendas caíram. Também contribuiu, entre outros, o roteirista Chris Claremont, juntamente com o desenhista John Byrne, que utilizou essencialmente do que levou os X-MEN com vida até aquele momento, a perspectiva da abordagem dos dramas pessoais dos personagens em um contexto social. Cada qual trouxe sua contribuição e

influência para que o universo mutante perpassasse décadas inalterado e com sucesso junto ao universo da superaventura.

Posteriormente outros tantos personagens vão se somando ao universo X-MEN, como é o caso de Tempestade (Ororo Munroe), uma liderança negra, nascida no Quênia, que podia controlar os fenômenos climáticos e Wolverine (James “Logan” Howllet), um canadense que tornou-se o personagem principal da franquia até o momento. Possui o poder de expor garras de ossos de suas mãos, após experiência científica as garras, bem como todo seu esqueleto, tornam-se de adamantium, um metal fictício que seria o mais forte do mundo e possuiria o poder de cura regenerativa, entre outros. Assim destaca Wellington Srbek:

[...] em 1975, o roteirista Len Wein e o desenhista Dave Cockrum lançaram uma nova versão do grupo de heróis, no especial Giant Size X-Men nº 1. Introduzindo personagens como Tempestade, Noturno, Colossus e Wolverine, esses autores revitalizaram a série, abrindo espaço para o sucesso que viria em seguida, quando a revista passou a ser escrita por Chris Claremont. Com heróis e histórias mais agressivos, os roteiros de Claremont davam ênfase aos problemas e dramas dos personagens, enquanto levavam os X-Men a enfrentar ameaças em âmbito mundial e até interestelar. Assim, personagens como Fênix e Wolverine, que lutam para controlar seu “lado sombrio” ou selvagem, passaram a se destacar (SRBEK, 2017, s/p).

Cada novo personagem adquire sua importância na trama, bem como em um contexto social específico e observado pela dupla de criadores originais, bem como pelos que os sucederam, estes personagens novos surgem para qualificar as histórias, trazendo outros dramas e situações.

O que é interessante neste ponto é a forma como Lee e Kirby conseguiram prender a atenção do consumidor através de histórias envolvendo contextos sociais. Obviamente a importância das lutas sociais são levadas em consideração, entretanto é importante recordar que a MARVEL, hoje, é uma gigante estadunidense, surgida em meio ao capitalismo e, como tal, buscou, desde sempre, lucros, dividendos, para seguir avançando e chegar ao patamar que se encontra atualmente.

Desta forma, um desenhista, ou roteirista, ou escritor, mantém-se em evidência e continua com seu trabalho de criação somente se o produto por ele criado puder cooptar o leitor consumidor, são negócios financeiros que mantêm o profissional na ativa. Nildo Viana explica muito bem esta questão ao colocar que:

[...] esses novos produtos culturais não surgem do nada. Eles nascem do processo social e, por isso, é preciso compreender as mudanças sociais e

culturais do período para entender este novo fôlego da superaventura. A determinação fundamental desse processo é a estabilização do capitalismo oligopolista transnacional na Europa e nos EUA. O aumento do poder aquisitivo da população realizada pelo Estado Integracionista, o sistema de crédito possibilitaram o aumento do consumo e uma ampliação do consumo cultural. Porém nesta nova fase, temos a emergência do que alguns sociólogos chamaram “Sociedade de Consumo” (VIANA, 2011, p.28).

Assim, após esse breve relato que apresenta por referência a origem das HQ's dos X-MEN, podemos ter uma base para prosseguirmos a presente análise com maior conhecimento, estando mais familiarizados com os contextos percebidos pelos autores que os levaram a tal criação. Dessa forma seguimos abordando essa relação que pode nos apresentar diversidade de situações a serem exploradas.

1.3 CONTEXTO SOCIAL DA CRIAÇÃO DOS X-MEN

Neste momento o que nos interessa, para a continuidade da proposição, é percebermos o contexto social vivenciado pelos criadores, também por todos os EUA, na época em que este universo foi criado.

O intervalo histórico indicado entre os anos sessenta e os anos oitenta foi palco de grandes acontecimentos políticos e sociais. A luta contra a intolerância racial protagonizada por Martin Luther King e Malcom X, a guerra fria entre a potência capitalista norte-americana e a gigante comunista das nações soviéticas unidas, movimento hippie, a crise do petróleo de 1973, dentre outros fatos, corroboraram para uma produção de sentidos que serviu de panorama social para as expressões culturais da época. A carga semântica deste período refletiu diretamente na construção das novas expressões da indústria cultural que se aproximava do consumidor através da realidade. Foi, em detrimento à metaforização simbólica do hodierno e diante deste turbilhão de tensões sociopolíticas que nasceu o esquadrão de super-heróis com modificações genéticas, os X-MEN (SCAFURA, 2018, s/p).

O ano de 1963, ano da criação de nossos super-heróis, está em meio a um período de intensa segregação racial nos EUA. É neste período que se destacam duas figuras importantes na história mundial do combate à segregação racial estadunidense, bem como mundial, pois até hoje são aclamados em diversos países: Martin Luter King Jr. e Malcom Little, que é mundialmente conhecido pela alcunha “Malcom X”. É neste meio que Stan Lee e Jack Kirby se inspiram para a criação do universo mutante dos X-MEN que veio revolucionar o mundo das HQ's.

Mas de que forma ambos, Lee e Kirby, se utilizaram das lutas sociais de King e Malcom X em sua criação? Respondendo a este questionamento basta percebermos a tipologia dos dois expoentes antagonistas da obra prima de seus criadores, a saber: Professor X, líder dos X-MEN, e Magneto, líder da irmandade de mutantes. Mais tarde percebeu-se que observando os dois personagens podemos notar características dos dois líderes ativistas da causa negra dos EUA, M. L. King Jr. e Malcom X.

Tal qual King, o Professor X buscava a aceitação do grupo dos humanos mutantes no mundo como iguais, apenas tinham uma diferença genética no chamado “gene X”. Ele partia para a ideia de organização e treinamento dos mutantes visando o trabalho que estaria se inserindo em busca de um bem maior para toda a humanidade, desta forma, Professor X busca o convencimento dos humanos normais, bem como dos mutantes, de que é possível a convivência em harmonia.

Já Magneto considerava que os mutantes deveriam ser aceitos mesmo que para isso fosse necessário entrar em guerra com os humanos “normais” e proclamava a superioridade mutante, ou seja, os humanos mutantes deveriam ser considerados como humanos superiores, tal qual Malcom X em sua luta pela causa negra. Seguindo este caminho distinto de seu antagonista, Magneto acredita (e percebe isso) que os humanos normais resolveram declarar guerra aos cidadãos com mutações, portanto a única forma de se fazer compreender por esta comunidade é buscar a resposta na mesma toada, respondendo a essa declaração de guerra da mesma forma.

É necessário entender a ascensão destes novos super-heróis tendo por base o contexto social da época em que foram criados, como viemos abordando neste subtítulo. Desde o início de trabalho de Stan Lee, especialmente quando juntou-se com Jack Kirby, tornou-se um fator determinante o olhar atento ao mundo de sua época. Novos produtos vão surgindo e o mercado está atento a isso, é neste sentido que ambos buscam o desenvolvimento de suas histórias.

Em entrevista ao jornal “The Guardian”, no ano de 2000, Stan Lee fora questionado acerca da origem dos X-MEN. Em resposta vem considerar que fora desafiado pelo seu editor a criar novo grupo de heróis após o sucesso de “O quarteto fantástico”, mas não sabia a forma como este novo grupo de heróis poderia ter conseguido poderes, é nesse ponto que surge a ideia de colocá-los como mutantes, pessoas que seriam até mesmo temidas por serem diferentes das outras pessoas, o que poderia chamar a atenção do leitor nessa relação. Nas palavras de Lee:

I couldn't have everybody bitten by a radioactive spider or zapped with gamma rays, and it occurred to me that if I just said that they were mutants, it would make it easy. Then it occurred to me that instead of them just being heroes that everybody admired, what if I made other people fear and suspect and actually hate them because they were different? I loved that idea; it not only made them different, but it was a good metaphor for what was happening with the civil rights movement in the country at that time (LEE, 2000, s/p).⁶

É interessante perceber que as questões sociais abordadas nas HQ's são fruto de todo o contexto social vivenciado à época de sua formulação, quando foram criados os personagens e todo o enredo que o circunda, como podemos notar com a entrevista de Stan Lee destacada acima. Um exemplo claro desta questão percebe-se desde a criação dos mais primordiais personagens deste contexto da superaventura, Superman é um produto de sua época. Se analisarmos o contexto de sua criação percebemos esta influência. O ano de 1938 está em meio ao fervor promovido pelo nazismo que resultaria no início da segunda guerra, logo no ano seguinte.

No sentido de contextualização entre épocas, de como cada personagem traduz um pouco da época de sua criação ao mundo, um exemplo é o Superman, que já se apresenta enquanto uma resposta estadunidense à ideologia nazista, que tinha como primordial a arianização dos seres humanos enquanto raça superior. Outra alusão que pode-se fazer em respeito a isso é a intimação ao homem comum para que se torne forte perante as adversidades das situações que poderiam se mostrar desfavoráveis visto o meio em que se apresentava o mundo de forma sociopolítica.

A figura a seguir mostra um trecho de uma publicação do Superman de 1940, publicada na revista "Look Magazine", apresentando exatamente esta alusão sobre o combate ao nazismo por parte dos EUA, quando o Superman parte em busca de capturar o próprio Hitler. A figura destacada vai apresentar Adolf Hitler proferindo a seguinte expressão: "mate os porcos. Não deixe ele me tocar". É neste momento que o homem de aço, Superman, responde que irá pegá-lo em alguns segundos. Então Superman parte para cima de Hitler, prendendo-o e afirmando que gostaria de calar sua boca colocando uma "meia estritamente não ariana" em tradução livre.

⁶ Tradução livre: Eu não poderia ter todo mundo mordido por uma aranha radioativa ou eletrocutado com raios gama, e me ocorreu que se eu apenas dissesse que eles eram mutantes, isso seria mais fácil. Então me ocorreu que, em vez de serem apenas heróis que todos admiram, e se eu fizesse outras pessoas temerem, suspeitassem e realmente os odiassem porque eram diferentes? Adorei essa ideia; não apenas os tornava diferentes, mas era uma boa metáfora para o que estava acontecendo com o movimento pelos direitos civis no país naquela época.

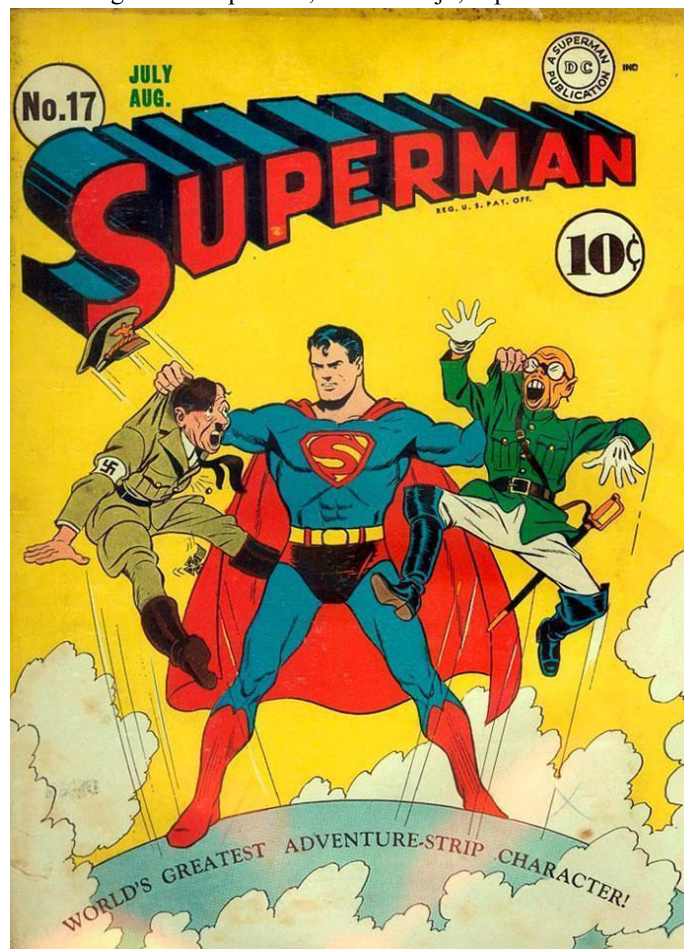
Figura 1- Superman versus Hitler em 1940.



Fonte: <https://www.tumblr.com/annotated-dc/178358269902/in-1940-look-magazine-featured-a-two-page-story>

Corroborando com a imagem acima, a imagem que segue apresenta a revista "Superman Nº 17, de 1942, lançada pela DC Comics." Ela traz em sua capa o personagem principal, Superman, segurando com sua mão direita o Führer da Alemanha, Adolf Hitler e com sua mão esquerda o General e Primeiro-Ministro do Japão, Hideki Tojo, por conta da aliança da Segunda Guerra mundial entre as nações do Eixo, Alemanha, Japão e Itália.

Figura 2 - Superman, Hitler e Tojo, capa de 1942.



Fonte: <https://universohq.com/universo-paralelo/veja-25-vezes-em-que-super-herois-enfrentaram-nazistas/>

É neste mesmo sentimento que os demais super-heróis vão surgindo e tomando forma, sempre considerando os fenômenos sociais emergentes de cada momento, em cada época. Atualmente, por exemplo, tomam maior forma as questões relacionadas ao debate acerca dos gêneros, da homossexualidade, enfim, temas atuais. Outrora, como já mencionado, o mote momentâneo se refestelava em torno de questões raciais, pois emergiam ao cidadão comum, em que pese tal questão em que pese tal questão ainda ser muito presente, visto diversos indivíduos que surgem com um pensamento extremamente retrógrado, especialmente no campo político partidário, a década de 1960 nos EUA tal fator era exaltado.

O mundo dos super-heróis foi abalado pelas mudanças sociais ocorridas a partir da segunda metade dos anos 1965, principalmente a partir de 1968. O mundo inteiro foi abalado e a ficção também. Já a partir dos anos 1965, há uma mudança provocada pelas transformações sociais, como a contracultura, ascensão de alguns movimentos sociais (direitos civis, negro, feminista e estudantil), as lutas sociais que começam a retomar certa radicalidade, entre outros fenômenos. [...] As histórias em quadrinhos mudam neste contexto, pois o processo de ascensão das lutas sociais promove o recuo da intervenção estatal e da classe dominante em determinadas esferas (VIANA, 2011, p.36-37).

Entretanto, contrariamente ao Superman, ou outros super-heróis produzidos na mesma época, os super-heróis apresentados por Stan Lee, produzidos no Pós Segunda-Guerra Mundial, especialmente os X-MEN, possuem características distintas ainda que estejam inseridos, tal qual os anteriores, e até mais ainda, em questões sociopolíticas. Mesmo sendo super-heróis, o que antes era sinônimo de perfeição, de exemplo de seres, lutando por toda a humanidade, agora, pós segunda-guerra, surgem mais como humanos, têm defeitos de humanos, são complexos tanto quanto os humanos, conhecedores dos regozijos e dificuldades da vida humana. Este é um ponto relevante a se perceber quando estamos debruçados em um âmbito de fenômenos sociais.

Contrariamente aos super-heróis criados anteriormente, os criados por Stan Lee tinham grande parcela de racionalidade. Enquanto os anteriores, basicamente, vinham de outros planetas, e assim se justificavam seus poderes, os X-MEN de Lee eram “terráqueos”, seres humanos normais que possuíam um gene diferente que os tornava, também, diferentes, mas continuavam a serem seres humanos. Este papel desempenhado por Lee, na gênese de seus personagens, é de extrema importância e cumpre um papel fundamental, pois ele vai fazer uma junção entre racionalidade, ficção, realidade e o extraordinário.

Se na década de 1960, com a origem dos X-MEN, a luta pelas minorias nas HQ's fora acentuada através das criações de Lee, porém, importante destacar, não haviam personagens negros em sua gênese, vindo a surgir posteriormente, em 1975, a personagem Tempestade, como a primeira personagem negra com destaque⁷. Mas a ideia inicial, parece, é contemplar a luta das minorias utilizando homens brancos donde é feita alusão à aceitação do negro, ou da mulher, na sociedade, é na década seguinte que toma forma a maior participação destes dois grupos. A partir de 1972 torna-se mais frequente a inserção de personagens mulheres, bem como negros, nas HQ's. Personagens como Luke Cage, Pantera Negra, Tempestade, Vampira, entre outros e outras, passam a fazer parte das maiores aventuras de suas franquias.

A emergência de super-heróis negros está ligada ao processo de fortalecimento do movimento negro no anos 1960, ao uso dessa temática como novo filão de mercado e como parte da contrarrevolução preventiva. Os negros passam a ocupar um lugar no mundo do capital comunicacional e nos meios tecnológicos de comunicação como resultado das lutas sociais e de seus efeitos posteriores, e isto irá atingir o capital editorial. [...] Mas o capital editorial não se limitará a abordar a questão das drogas, a criar personagens negros, pois irá também expandir o número de personagens femininas que expressam a ascensão do feminismo no final da década de 1960 [...] (VIANA, 2011. p.38).

Ou seja, a partir das lutas sociais originadas na década de 1960 nos EUA e abordadas nas primeiras edições de X-MEN, é na década de 1970 que, de fato, o resultado dessas lutas começa a trazer frutos ao universo editorial, incluindo, até com uma aparente questão envolvendo cotas, diversos super-heróis que outrora seriam discriminados, como negros, mulheres e, mais tarde, homossexuais, entre outras minorias sociais que tomam lugar de destaque e vão inculcando nos leitores a ideia destas lutas. Portanto, os duelos retratados nas HQ's ultrapassavam a luta do bem contra o mal, de mocinhos contra bandidos, para se chegar à luta de classes, tão importante para a humanidade.

A imagem a seguir apresenta “William Stryker”, Sargento e Reverendo, um conservador preconceituoso, em diálogo com os mutantes. Nesse caso Stryker faz o papel do intolerante. O personagem “Ciclope” utiliza exatamente a questão racial para questionar Stryker, ainda, Ciclope, se coloca como um ser humano com habilidades, como é “um médico, um físico, um filósofo ou um atleta”.

⁷ Importante destacar que no ano de 1966 Stan Lee criou o personagem Pantera Negra, porém este não faz parte diretamente do universo X-MEN.

Figura 3 - Sobre direitos dos mutantes.



Fonte: <https://medium.com/@bcanato/os-x-men-que-conheci-o-placebo-jackman-e-porque-as-n%C3%A9voas-dos-inumanos-poderiam-ser-uma-%C3%B3tima-23847d47544f>

Na imagem abaixo, destaque de uma publicação de 1993, se pode notar um diálogo entre o Professor Xavier e um interlocutor, apresentador de um programa de televisão, onde, após ser questionado sobre os riscos para o Professor por uma causa que não seria dele, Xavier responde textualmente utilizando como exemplo o Apartheid, que não seria necessário a pessoa ser negra para se colocar contrária ao Apartheid. Ou seja, comprovando as intenções de abordagens dos contextos sociais que o mundo apresentava em cada época.

Figura 4 - X-MEN e o apartheid.



Fonte: <https://www.hq-now.com/hq-reader/15019/fabulosos-x-men-v1-1963/chapter/299/page/13> e <https://www.hq-now.com/hq-reader/15019/fabulosos-x-men-v1-1963/chapter/299/page/14>

2 NA SOCIOLOGIA

É importante, neste capítulo, percebermos a origem dos métodos sociológicos tornados ciência através de alguns sociólogos clássicos. Neste sentido destacamos Auguste Comte, como o pai da sociologia, e Émile Durkheim, como o sociólogo que conseguiu incutir os estudos sociológicos enquanto ciência.

Além disso, é interessante percebermos que os conceitos propostos na origem da sociologia ainda têm valia enquanto métodos de observação da sociedade, principalmente quando temos em tela o estudo ora proposto. Assim, tentaremos abordar, com esta temática que utiliza estudos sobre preconceito e intolerância desde escritos oriundos das HQ's, as ideias originárias dos primórdios da sociologia, especialmente utilizando o fato social e seu poder coercitivo em Durkheim.

Porém não apenas isso, vamos trilhando um caminho que se apresente com a intenção de verificar questões sociológicas que vão sendo percebidas no decorrer das HQ's do universo da superaventura, local em que se insere, especialmente, o universo X-MEN com seus mutantes.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORIGEM DA SOCIOLOGIA

A origem da sociologia remonta a primeira parte do século XIX, desde as concepções propostas pelo filósofo francês Auguste Comte que percebia a sociedade da Europa da época passando por uma série de transformações desde o renascimento, mas que durante a revolução industrial essas transformações tiveram seu auge.

Em que pese os esforços de Comte pela sociologia ela, naquele tempo, não consegue se firmar enquanto ciência com a possibilidade de estudar e tornar a complexidade da sociedade como desvendada. Neste sentido, apesar dessa origem em Auguste Comte, foi a partir das questões de Émile Durkheim que toma forma a sociologia enquanto ciência, através de métodos bem estabelecidos que puderam colocar os estudos sociológicos em um patamar de uma ciência autêntica, capaz de buscar explicações para o que acontecia no e com o mundo, desvelando questões que até então estavam escondidas por não haver uma ciência capaz de apresentá-las.

As ideias propostas por Comte, para Durkheim, estavam incompletas, pois assemelhavam-se muito com questões oriundas de uma abstração filosófica a, de fato,

toma-las enquanto questões de estudo da sociedade, portanto sem um rigor científico capaz de se chegar ao desvelamento de tais.

É neste íterim que Durkheim apresenta sua propositura no que se refere à existência dos chamados “fatos sociais” que impinge características em sua determinada sociedade, ou grupo social, com a finalidade de comparação entre eles buscando uma síntese capaz de apresentar uma explicação com a finalidade de compreender as diferentes formas de coesão social que se apresentavam até então. Desta forma é que Durkheim consegue criar um método de análise social com a possibilidade de que a sociologia se estabeleça enquanto, de fato, um método científico autêntico.

Nas palavras de Durkheim:

Nossa definição compreenderá portanto todo o definido se dissermos: É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2007, s/p).

Ou seja, o fato social, para Durkheim, é algo que se apresenta como geral, coercitivo e exterior. **Geral**, ou coletivo, pois se apresenta enquanto regra normal da sociedade como um todo, quando coletivamente, sendo reflexo da sociedade; **exterior**, pois é exterior ao próprio sujeito que se conecta com a sociedade, neste caso independe da vontade do indivíduo, e; **coercitivo** por se tratar de algo que exerce força sobre a sociedade que vem a moldá-la. É exatamente nisso, especialmente na questão do fato social ser algo que exerça coerção, que podemos colocar a temática proposta neste trabalho.

Neste sentido Durkheim nos explica:

Eis portanto uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõe a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem como fenômenos psíquicos, os quais só têm existência na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem portanto uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada e reservada a condição de *sociais* (DURKHEIM, 2007, s/p).

É comum vermos as pessoas fazerem algo simplesmente pelo fato de que “todo mundo está fazendo”. Diariamente nos deparamos com situações deste tipo, diversos

exemplos se apresentam a nós. Esse tipo de comportamento é uma característica marcante na sociedade em que vivemos, traduzindo-se em expressão da consciência coletiva. Para que a sociedade exista e se mantenha, se faz necessário que os indivíduos se adequem a esta sociedade, que adequem o seu modo de pensar, de sentir e de agir.

Por esse motivo, nós somos reflexo da sociedade na qual vivemos e temos (ou nos é dada) a necessidade de integração com ela. Assim, para Durkheim, a sociologia é esta ciência que é responsável por estudar esse tipo de fenômeno social.

2.2 X-MEN E O FATO SOCIAL

A partir da análise feita no título anterior podemos nos questionar: Mas o que é que tem a ver o fato social, ou o aspecto da coerção no fato social, com as HQ's dos X-MEN? É natural que questões deste tipo surjam quando abordamos temáticas aparentemente distintas e distantes umas das outras, pois o primeiro aparenta ser estritamente teórico, enquanto o segundo aparenta estar conectado unicamente com um universo de entretenimento, sem nada a contribuir com a sociologia. Entretanto, se bem analisarmos, poderemos perceber que estão mais conectados do que poder-se-ia imaginar.

No universo X-MEN os mutantes são retratados como uma minoria, pois dentre todas as espécies de humanos (os mutantes e os “normais”) os mutantes representam um índice baixo de existência. Os mutantes são **diferentes**, não são necessariamente bons ou ruins, mas, de qualquer forma, estão sendo **temidos** pela sociedade por considerá-los, talvez, uma ameaça para a existência.

Mas por qual motivo eles são tão temidos? Aqui invocamos o que Durkheim falava sobre a necessidade da coesão e da harmonia na sociedade. Neste sentido a simples presença dos mutantes, o algo diferente, coloca em ameaça constante a sociedade na qual eles vivem, portanto julga-se necessário estabelecer uma nova ordem que venha a sobrepor as diferenças que estão sendo percebidas.

Dessa forma, há casos na sociedade que podem ser considerados como tendo uma patologia, uma “ordem doente”, que podemos colocá-la, neste caso, como um fato social anômico, pois pode estar sendo tomado pela violência, excetuando-se a normalidade que se espera em uma sociedade sadia. Assim a solidariedade, no caso de uma sociedade anômica, deixa de existir, podendo suplantar esta sociedade ao caos.

Vê-se que um fato só pode ser qualificado de patológico em relação a uma espécie dada. As condições da saúde e da doença não podem ser definidas in abstracto e de maneira absoluta. A regra não é contestada em biologia; jamais ocorreu a alguém que o que é normal para um molusco o é também para um vertebrado. Cada espécie tem sua saúde, porque tem seu tipo médio que lhe é próprio, e a saúde das espécies mais baixas não é menor que a das mais elevadas. O mesmo princípio aplica-se à sociologia, embora freqüentemente ele seja ignorado aí. É preciso renunciar a esse hábito, ainda muito difundido, de julgar uma instituição, uma prática, uma máxima moral, como se elas fossem boas ou más em si mesmas e por si mesmas, para todos os tipos sociais indistintamente (DURKHEIM, 2007, s/p).

É a partir de uma sociedade anômica que se desenvolve a trama contida na obra iniciada por Lee e Kirby, uma sociedade que se adoenta ao perceber que existem diferentes evoluções de seres humanos e a própria sociedade não consegue sobrepujar-se ao esquecer-se da solidariedade necessária para o bem viver.

Ainda no sentido de posicionarmos as teorias propostas por Durkheim conectando-as com as ideias contidas nas HQ's do universo X-MEN, podemos perceber que a atividade mutante das pessoas que nascem com o "gene X" começa a se manifestar na adolescência do mutante. Assim, muitos fogem de casa, ou mesmo são expulsos pelos pais e passam a vagar pela sociedade indo encontrar-se com outros mutantes ao serem cooptados pelo Professor Xavier para a sua Escola para jovens superdotados, onde eles podem morar e estudar. Neste sentido, apresenta-se mais uma forte relação com as teorias de Durkheim, a saber: a grande importância das instituições de ensino para a socialização e a vida em sociedade.

Vejamos o exemplo da personagem denominada "Vampira" (Anna Marie LeBeau), criada em 1981 por Chris Claremont. Vampira é uma adolescente que cresce com sua família de origem, tem pai e mãe conhecidos e vive uma vida comum e feliz, até que sua mãe desaparece e ela fica sendo criada pelo pai. Este, sem saber o que fazer, como cuidá-la, a deixa aos cuidados de uma tia que tem um sistema severo de criação. Não se adaptando àquela sistemática, já infeliz, Anna Marie foge de casa e fica vagando até ser encontrada por outra personagem importante na trama das HQ's, Mística (Raven Darkhölme,) que lhe dá guarida e a insere na irmandade de mutantes (grupo liderado por Magneto). Somente após vários acontecimentos Vampira se une aos X-MEN, na Mansão X, sob a liderança do Professor Xavier, e percebe que ali pode ter uma vida nova. Como apresenta SMANIOTTO, eles "são acolhidos pelos X-MEN na Mansão X, onde, Vampira, principalmente, se sente acolhida, como se estivesse novamente em uma família. Os ensinamentos de Charles Xavier tendem a valorizar a vida em comunidade, em família" (SMANIOTTO, 2018).

Os poderes de Vampira consistem, além de voar e ter poder regenerador, principalmente na absorção da força vital de outra pessoa através do simples toque, pele com pele, o que a torna uma arma mortal e a conduz ao isolamento, sem que pudesse envolver-se sequer amorosamente com outra pessoa por conta do receio de matá-la sem intenção. Inclusive a primeira manifestação de seus poderes se deu justamente quando beija um namorado, um rapaz chamado Cody Robins, na adolescência, absorvendo sua força vital, inclusive seus pensamentos que também passam a assombrá-la, deixando o rapaz em um coma permanente, fato que a deixa muito depressiva.

Agora percebam que, se tirarmos as questões sobre-humanas da história de Vampira, podemos notar claramente uma história que pode ser a nossa própria, ou de algum familiar, ou de alguma pessoa conhecida. Uma história que apresenta uma família feliz, que se depara com a desestruturação familiar após a morte da mãe, em que o pai, ao ver-se sozinho, não consegue cuidar da filha, deixando-a para outro parente cuidar. Esta menina, sem adaptar-se e por não ter mais contato com o pai, foge de casa, tendo uma decepção amorosa, colocando a própria vida em risco por conta das circunstâncias que a vida lhe impõe naquele momento. Assim passa a fazer parte de uma organização que não apresenta boas intenções, conduzindo-a a criminalidade.

Mas é importante destacar o cerne de toda esta questão, ela passa a portar-se de forma transgressiva, de forma violenta, no momento que percebe que fazendo aquilo ela consegue ser aceita em um grupo social, quer seja pelo respeito ou pelo medo. Ou seja, a pessoa que tem dificuldades de ser aceita socialmente busca alterar a sua forma de viver, muitas vezes volta-se para a transgressão, para que a aceitação surja e ela se torne membro de um grupo social.

Isso tudo é sentido por nós através da influência que a sociedade nos propõe. Esta influência social é o que Durkheim nos apresenta como *coerção social*. Ela é sentida pelo indivíduo, ao mesmo tempo, como uma necessidade, mas também como uma obrigação, pois isso proporciona com que alguém faça parte de um determinado grupo social através de uma necessidade de aceitação que ele mesmo buscava. Como muito bem explica Durkheim em seus escritos:

Visto que sua característica essencial (da influência dos fenômenos sociológicos) consiste no poder que eles têm de exercer, de fora, uma pressão sobre as consciências individuais, conclui-se que eles não derivam destas e, por conseguinte, a sociologia não é um corolário da psicologia. Esse poder coercitivo testemunha que eles exprimem uma natureza diferente

da nossa, uma vez que só penetram em nós pela força ou, pelo menos, pesando mais ou menos sobre nós (DURHEIM, 2007, s/p).

Portanto, podemos compreender esta característica apresentada acerca dos fatos sociais, eles exercem coerção sobre o indivíduo, ou seja, as formas de agir, de sentir e, até mesmo, de pensar que o indivíduo tem são colocadas como coerção da sociedade a qual ele faz parte, esta sociedade obriga o indivíduo a agir daquela forma. Neste sentido, nós, enquanto cidadãos de uma sociedade, vamos internalizando essas situações, tornando-as naturais e gerando a reprodução de forma mimética de tudo o que nos é apresentado. Essa coerção vem se manifestando de diversas maneiras, nas legislações propostas, bem como nas formas de olhar as situações, as maneiras de comentá-las, dentre outros comportamentos distintos. Neste mesmo sentido Durkheim vem nos apresentar que:

Mesmo que, de nossa parte, tenhamos colaborado espontaneamente para a emoção comum, a impressão que sentimos é muito diferente da que teríamos sentido se estivéssemos sozinhos. Assim, a partir do momento em que a assembleia se dissolve, em que essas influências cessam de agir sobre nós e nos vemos de novo a sós, os sentimentos vividos nos dão a impressão de algo estranho no qual não mais nos reconhecemos. Então nos damos conta de que sofremos esses sentimentos bem mais do que o produzimos. Pode acontecer até que nos causem horror, tanto eram contrários à nossa natureza. É assim que indivíduos perfeitamente inofensivos na maior parte do tempo podem ser levados a atos de atrocidade quando reunidos em multidão (DURKHEIM, 2007, s/p).

Fazendo uma relação com as HQ's aqui investigadas, pode parecer primeiramente que a ordem na relação de Magneto com as situações abarque uma ideia coercitiva com o fato de que a humanidade precisa, a qualquer custo, aceitar os mutantes. Entretanto, o que emerge como coerção nos quadrinhos deste universo é precisamente a intolerância e o preconceito em relação aos mutantes, estes são os fatos sociais. O que Magneto faz é lutar contra isso, de forma violenta, mas como o próprio Durkheim afirma, “um fato social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos” (DURKHEIM, 2007), ou seja, fatos sociais exercem uma força coercitiva muito grande, de modo que modificá-los não é fácil, nem imediato. Uma das formas de fatos sociais serem transmitidos e, eventualmente, modificados, se dá pelos processos de socialização, para os quais a escola cumpre um papel importante. Aqui percebemos uma associação, pois ao contrário de Magneto, o Professor Xavier, aposta na criação de uma “Escola” como forma de construir uma sociedade mais harmônica.

Importante percebermos com atenção que, nas HQ's objeto deste estudo, um componente é muito importante para o desenvolvimento de toda a trama: a interferência governamental no controle aos mutantes. Este é um fator importante de destaque, pois à medida que os mutantes vão surgindo, sendo popularizados, o governo vai propondo diversas políticas públicas e legislações visando o controle desta situação tendo em vista essa nova convivência.

Neste momento, analisando esta situação e refletindo acerca dela, surge o questionamento sobre o motivo pelo qual as leis existem, qual é a função delas para a convivência em sociedade? Para tanto invocamos Durkheim novamente, pois ele considerava a essencialidade das legislações por estabelecerem a forma pela qual os indivíduos devem se portar perante essa sociedade, a forma de comportamento que independe de uma vontade individual, mas sim do coletivo. Neste momento percebemos outra característica dos fatos sociais propostos pelo autor, as legislações se colocam como exteriores ao indivíduo.

Uma das ideias apresentadas nas HQ's do universo X-MEN, também abordada nos filmes da franquia, entre uma batalha física e outra, é o governo estimular um debate sobre uma legislação eficaz que venha a obrigar o registro dos mutantes. Dessa forma o governo poderia impor que todo o mutante deva se apresentar, tendo controle sobre todos. Então, dessa forma, se apresenta a terceira característica do fato social proposto por Durkheim, o conceito de que ele é geral, ou coletivo, vindo a ser absorvido por toda a sociedade, seria imposto a todos e todas, vez que existe essa coletividade.

Então podemos perceber que todas as sociedades possuem suas legislações específicas, entretanto as leis de cada tipo de sociedade têm diferenças, possuem características específicas que as distinguem. Na medida em que percebemos que as leis são, também, fatos sociais, partimos para as explicações de Durkheim, exaustivamente abordadas, de que os fenômenos sociais que são de representação coletiva, os fatos sociais, são característicos de cada sociedade, se portando como reflexo das mesmas, provindo da necessidade de coletividade. Ou seja, são colocados como parte de um contexto cultural.⁸ Assim, Durkheim aborda a relação entre a estrutura política da sociedade, onde é necessário que a sociedade esteja intimamente conectada com a necessidade do momento em que as legislações são estabelecidas.

⁸ Dessa forma, citamos uma legislação atual como exemplo disso tudo: o uso obrigatório de máscaras cirúrgicas em época de pandemia originada pela COVID-19.

A estrutura política de uma sociedade não é senão a maneira como os diferentes segmentos que a compõem se habituaram a viver uns com os outros. Se suas relações são tradicionalmente próximas, os segmentos tendem a se confundir; caso contrário, tendem a se distinguir (DURKHEIM, 2007, s/p).

Apesar de nos referirmos a uma sociedade criada de forma fictícia, a sociedade na qual se desenvolvem as histórias do universo X-MEN, podemos, ainda assim, refletir acerca da sociedade em que vivemos. É muito interessante e sugestivo termos a percepção de como a sociedade, objeto deste estudo, parte em busca de uma ordem através de legislações que estão intrinsecamente relacionadas ao contexto cultural que está se apresentando ao leitor, bem como ao indivíduo que busca as HQ's enquanto forma de análise da sociedade em que ele próprio está vivendo.

Mas, partindo do princípio de que a sociedade fictícia criada para o universo em estudo pode ser apercebida como um reflexo da realidade, temos que as situações da ficção proposta são tratadas, da mesma forma, na realidade. Percebendo tal situação, podemos pegar em comento a questão da criminalidade, uma vez que um dos afazeres dos super-heróis das HQ's é, exatamente, a luta contra tal. Pois bem, assim, por mais que possa parecer alheio a tudo o que ora colocamos, o crime pode ser considerado como algo normal na sociedade, pois, acaso estivesse essa apartada deste tipo de situação seria completamente impossível de existir.

O crime, tal qual propomos aqui, se apresenta como certa atitude desenvolvida por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, vindo a ofender o sentimento da coletividade. Entretanto, se considerarmos que em uma determinada sociedade tais atos criminosos deixassem de ser cometidos haveria a necessidade de que todos os sentimentos feridos pela criminalidade fossem naturais da consciência de cada indivíduo que compõe essa sociedade, sem que houvesse exceções.

Porém, mesmo que essa condição preliminar estivesse como efetiva, ainda assim dificilmente desapareceria a criminalidade, a ideia principal é de que possivelmente ela apenas mudaria de formato, pois, por conta da coercitividade, outras formas e maneiras de criminalidade viriam a surgir. Também por conta disso é que surgem as legislações pertinentes visando coibir o que a coletividade sofra por conta de atos individuais. Por isso, o crime passa a se representar como algo necessário e fundamental por conta de que a evolução das questões morais e de direito devem se tornar efetivas enquanto sociedade.

O interessante, visto que passamos a abordar as questões relacionadas ao crime, é que, quando tomamos por base as HQ's do universo aqui pesquisado, percebemos que fogem,

obviamente, da naturalidade da criminalidade do mundo real. Porém, ainda assim, podemos realizar reflexões valiosas. Um dos pontos que podemos ter por base é de que, para os humanos “normais” representados nas ilustrações, os criminosos são os mutantes, mesmo que estes não aparentem ter cometido qualquer crime comum, seu crime, ao que parece, é apenas terem mutações genéticas que os tornam diferentes dos outros.

A imagem a seguir aborda exatamente esta questão. Alguns mutantes sendo presos unicamente por serem diferentes ao serem transportados em meio a uma manifestação contra suas existências. As palavras dos cartazes declaram diversas ofensas, chamando-os de “escória”, “sujeira mutante”, bem como desejando a “morte aos mutantes”.

Figura 5 - Manifestação contra os mutantes.



Fonte: <https://www.deusnogibi.com.br/site/wp-content/uploads/2020/01/YADDXMENMETAFORA4.jpg>

“Mas ser diferente dos outros não é um crime para as leis atuais”, podemos exclamar. Entretanto, outrora assim o foi. Quando recordamos do holocausto gerado pela política nazista de Adolf Hitler temos um exemplo disso, a política voltada para a purificação da raça ariana. Ou ainda quando nos lembramos dos navios escravocratas que partiam da África com destino Europa, ou, mais próximo, a própria América. Que crimes os indivíduos africanos cometeram para serem vendidos como escravos? Apenas o “crime” de serem diferentes ao que o ocidente considerava a “normalidade” do ser humano.

Assim, podemos perceber que as HQ’s do universo X-MEN, bem como os filmes da mesma franquia, trazem diversas contribuições quando buscamos compreender o conceito de fato social e suas três principais características, propostas por Durkheim. Mas não somente isso, também podemos perceber a importância que as instituições sociais têm nessa relação, como é o caso da Escola para jovens superdotados sob a criação e direção do personagem Professor X.

3 PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA

Primeiramente considero importante destacar que, talvez, este título, “Preconceito e Intolerância”, pudesse estar conectado ao segundo capítulo, que abordou a temática do universo da superaventura dos X-MEN com a sociologia. Entretanto, por conta da temática ser abrangente e importante, merece um capítulo próprio para que possamos desvelar de forma mais profícua o que ambos os conceitos têm a apresentar quando estamos falando das HQ’s que ora nos são objeto de estudo.

Então, nesta fase, buscamos desenvolver melhor as questões dos temas relacionados ao preconceito e intolerância trazendo-os para a atualidade visando refletir como se pode utilizar esta dinâmica, em sala de aula, que as HQ’s podem nos trazer, sendo importantes ferramentas no desenvolvimento de didáticas eficazes para a apreensão da atenção do discente.

3.1 DESTAQUE PARA AS MINORIAS

O preconceito e a intolerância ocupam, atualmente, lugar muito importante nos estudos sociológicos, visto que cada vez se percebem mais ações prejudiciais a determinados grupos de seres humanos, como negros, homossexuais, indígenas, de determinadas religiões, pessoas com deficiência, enfim, o que chamamos de minorias. Isto conduz ao pensamento acerca de onde está a tolerância dos seres humanos, ou ainda nos apresenta a questão, o que é tolerância?

Neste sentido, acerca do conceito de tolerância, Pinto (2002) coloca que:

Para o cientista social, há um desconforto evidente em trabalhar com um conceito tão eivado de valores morais, tão dependente do caráter individual. Para a tolerância ser exercida, deveríamos encontrar, em primeiro lugar, alguém que tem poder e exigirmos dele que seja tolerante com os que não o têm. E isto é muito insuficiente. Entretanto, reconhecer essa limitação, essa quase impossibilidade, não implica abrir mão de uma reflexão sobre as relações de poder e sobre alternativas para que as comunidades humanas sejam capazes de conviver na diferença, sem que qualquer diferença seja razão para privar indivíduos, grupos e comunidades do pleno exercício da cidadania, dos direitos de acesso a uma vida digna, da liberdade de expressar-se livremente, tendo como único limite as diferenças que se constituem, advogando a eliminação desses direitos. (PINTO, 2000, p. 33-34)

Então, é importante que percebamos que não basta termos o conceito de tolerância apenas enquanto valor moral, mas sim termos a noção de que, obviamente, também é necessário que assim se faça, mas principalmente que se deve ultrapassar este limite e propor um estudo mais elaborado e atento às necessidades do ser humano em relação à tolerância com as diferenças. Aliás, é importante que não pensemos apenas na tolerância, mas também na naturalização da aceitação e acolhimento das diferenças.

Na mesma linha, encontramos a relação entre a intolerância com o preconceito. Na medida em que temos a noção de que o preconceito é algo pré-concebido em relação a alguém, ou a algum povo ou sociedade, sem antes conhecê-lo, podemos notar que a intolerância surge nessa mesma seara. O preconceito surge sempre quando nos deparamos com o diferente, de forma que seria impossível pensar no diferente enquanto alguém que poderia ocupar o mesmo espaço que ocupamos sobre a terra. É nesse sentido que percebemos tal relação com as HQ's que abordam os mutantes.

O prefixo “pré”, acompanhado do sufixo “conceito” tornam-se autoexplicativos perante a ideia oriunda dessa junção. Assim, perceber alguém, ou algum povo, primeiramente pela forma que se veste, pela maneira de comportamento, pelo deus que adora, é uma forma preconceituosa de ver o outro. Almeida (2019) aborda essa questão de preconceito em relação ao racismo muito bem:

Por isso, não se pode desprezar a importância dos filósofos e cientistas para a construção do colonialismo, do nazismo e do *apartheid*. O racismo é, no fim das contas, um sistema de racionalidade, como nos ensina o mestre Kabengele Munanga ao afirmar que o “preconceito” não é um problema de ignorância, mas algo que tem sua racionalidade embutida na própria ideologia (ALMEIDA, 2019, s/p).

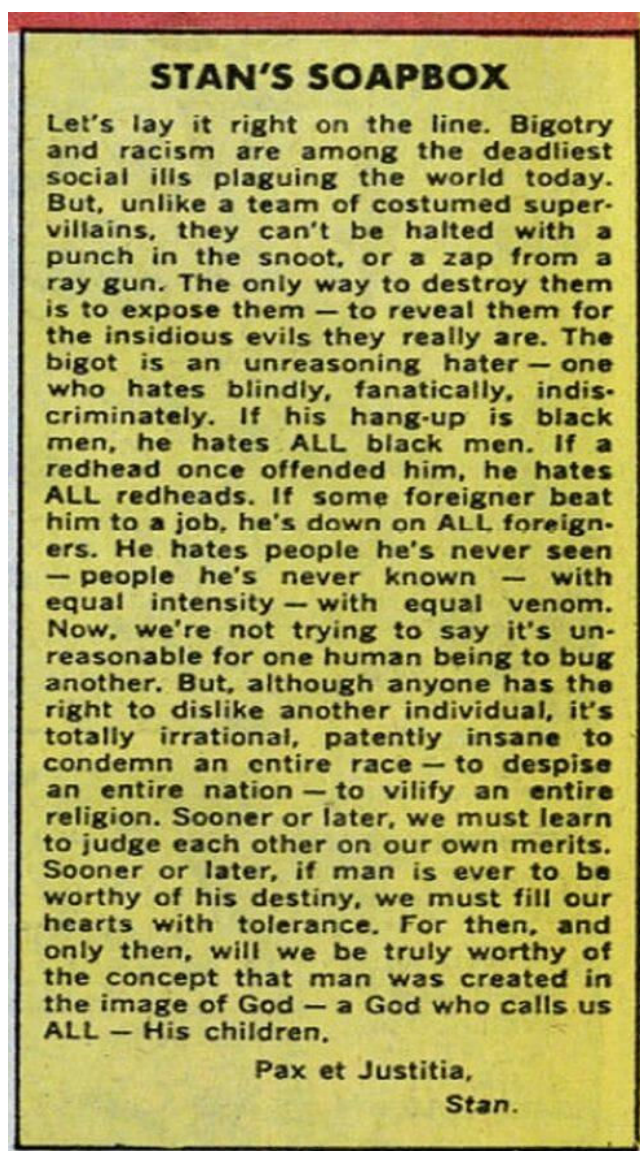
Retomando o que já fora abordado no primeiro capítulo, na década de 1960, através da mente extremamente criativa de Stan Lee e Jack Kirby, foram criados os heróis que são base para este estudo, através da percepção da necessidade de criação de um novo grupo de heróis que pudesse alavancar as vendas das HQ's de superaventura. Mas algo que não fora colocado anteriormente é que Stan Lee e sua esposa, na época, foram impedidos de realizar a adoção de uma criança, pois tinham religiões diferentes e a legislação vedava tal situação. Lee era judeu e sua esposa era cristã. Este fato impulsionou a vontade de Lee em criar personagens que lutassem por tolerância, face à intolerância que ele próprio sentiu.

Assim, Lee pensou na criação deste grupo de benfeitores que, ao contrário do que acontecia com outros personagens como Capitão América e Homem-Aranha, que eram

amados pelo público, e aqui falamos no público fictício, presente nas próprias HQ's, os heróis propostos por Lee eram personagens que sofriam preconceito e intolerância em suas histórias, sendo, até mesmo, odiados pelo público fictício. Neste sentido se torna como algo necessário, pois a ideia era justamente abordar a questão da intolerância, mostrando que até mesmo super-heróis são desconsiderados por parte da população quando estes passam a considerá-los uma ameaça aos seus valores.

É interessante destacar que, em sua obra, Stan Lee condenou o racismo e a intolerância sempre que teve a oportunidade. Nos anos de 1960 Lee possuía uma coluna na revista Marvel Comics, intitulada “Stan’s Soapbox”, em que discutia temas como esse. Portanto, em 1968, Lee publica o seguinte texto:

Figura 6 - Coluna Stan Lee



Em tradução livre, o conteúdo da coluna apresenta o seguinte texto:

“Vamos colocá-lo bem na linha. A intolerância e o racismo estão entre os males sociais mais mortais que assolam o mundo hoje. Mas, ao contrário de uma equipe de super-vilões fantasiados, eles não podem ser detidos com um soco no focinho ou um tiro de uma arma de raios. A única maneira de destruí-los é expô-los - revelá-los pelos males insidiosos que realmente são. O fanático é um odiador irracional - alguém que odeia cegamente, fanaticamente, indiscriminadamente. Se o problema dele são homens negros, ele odeia TODOS os homens negros. Se uma ruiva o ofendeu uma vez, ele odeia TODOS os ruivos. Se algum estrangeiro conseguir um emprego antes dele, ele está atrás de TODOS os estrangeiros. Ele odeia pessoas que nunca viu - pessoas que nunca conheceu - com igual intensidade - com igual veneno. Agora, não estamos tentando dizer que não é razoável um ser humano incomodar outro. Mas, embora qualquer um tenha o direito de não gostar de outro indivíduo, é totalmente irracional, patentemente insano condenar uma raça inteira — desprezar uma nação inteira — difamar uma religião inteira. Mais cedo ou mais tarde, devemos aprender a julgar uns aos outros por nossos próprios méritos. Mais cedo ou mais tarde, se o homem quiser ser digno de seu destino, devemos encher os corações de tolerância. Pois então, e somente então, seremos verdadeiramente dignos do conceito de que o homem foi criado à imagem de Deus – um Deus que nos chama de TODOS – Seus filhos.”

Culturalmente foi de grande valia a ascensão dos X-MEN para que se gerasse um debate, primeiramente nos EUA e posteriormente no mundo todo, sobre, de início, os direitos civis da população negra que sofria diversas privações, donde sequer lhes era permitido frequentar os mesmos lugares dos brancos, ou ocupar as mesmas poltronas nos ônibus em que brancos estivessem utilizando. Silva nos apresenta que:

O universo mutante da Marvel... mostrou em todos esses anos o debate sobre tolerância, descrevendo como a opressão que toma como discurso a diferença pode levar a tensões sociais que dificilmente chegarão a um fim. O absoluto controle sobre as vidas, seja de humanos ou de mutantes, seja por meio da coerção ou pela violência, acaba levando à resistência, em busca de liberdade para viver a vida que se quer (SILVA, 2018, s/p).

Mesmo que pareça que a pregação da tolerância, neste universo, se coloque como algo em divergência do que acontecia nas histórias das HQ's, pois, por vezes, aparenta que quem é intolerante são os próprios heróis do grupo X-MEN, por terem superpoderes e os utilizarem,

muitas vezes, contra os humanos “normais”, é importante que se destaque que isto acontecia quando eles eram atacados, em uma legítima situação de autodefesa. Ainda hoje as minorias procuram essa autodefesa quando são atacadas, normalmente ela é disposta como habilidades cognitivas e intelectuais, buscando na formação acadêmica a voz que lhes faltaria no mundo comum, ou ainda buscando políticas públicas eficazes para que os seus direitos não sejam desrespeitados. Neste sentido, no enredo das HQ’s dos X-MEN, existe intensa crise social que faz com que o governo, que é composto por seres humanos sem mutações genéticas parta em busca de auxílio tecnológico na criação de robôs, chamados “Sentinelas”, para conter os mutantes por conta dos superpoderes.

Tudo isso sempre foi baseado na realidade vivenciada, pois na década de 1960 se popularizaram grupos de pessoas que lutavam pela garantia de direitos, ou que buscavam os direitos que lhes eram negados por conta da legislação segregacionista. Um destes grupos se denominava “Black Panthers” (e aqui abrimos breve colocação: o nome do super-herói “Pantera Negra”, também da Marvel Comics, obviamente não é apenas uma coincidência) que, mesmo tendo surgido após a criação dos X-MEN, podemos considerá-lo como fator oriundo da mesma vontade que tornou possível a criação do universo X-MEN. Ou seja, “Black Panthers” e X-MEN têm a mesma vertente, a luta por tolerância, não que um seja vertente para o outro. Continua Silva nessa seara:

Uma temática que povoou as produções desse universo... foi a construção social de que haveria dois grupos distintos - os mutantes e os humanos -, mostrando as tensões que ocorrem no que se refere à diferença e à tolerância na convivência entre ambos. Sem entrar numa dicotomia simplória entre vilões e heróis, apresenta, por um lado, as ações de diferentes agentes, especialmente o Estado, para controlar ou mesmo destruir os mutantes e, por outro lado, as reações de setores dos mutantes visando ou se defender ou mesmo contra-atacar os humanos. Essa tensão cria um clima de medo em que não se prioriza a tentativa de diálogo, o que leva ambos os lados a procurar destruição daquele que enxerga como inimigo. Sabe-se que o medo liberta (SILVA, 2018, s/p).

É importante, neste sentido, recordar que o universo ora estudado teve sua gênese com a luta pela igualdade racial, mas não fechou-se somente nisso, partiu em busca de lutar contra vários tipos de intolerância, como já abordamos em outras ocasiões. Uma destas questões colocou-se quando se percebeu que a questão da homossexualidade se apresentava como um problema social.

Em um universo conservador, como eram (e ainda é) os EUA, se tornou necessário que as HQ’s buscassem este nicho para também fazer seus protestos e se apresentar como

válvula que a causa poderia utilizar, além, é claro, de vender revistas, o cerne de toda economia capitalista. Assim, a questão da reação dos pais quando percebem que os filhos são mutantes tem muito a nos apresentar. Bem como quando, nas histórias, são feitas marchas contra os humanos com mutações genéticas que se assemelham às marchas criadas por grupos conservadores pelo “combate” aos gays, como se fosse uma praga que assolava o mundo e o empurraria para a decadência.

O fato é que X-MEN sempre foi um porto onde ancoravam as embarcações que ficavam à deriva, sem poder ter um local onde os marujos pudessem descer, por isso, em que pese existir a ideia de que HQ's são consumidas por crianças, X-MEN sempre foi um formato voltado para o público infantojuvenil e, hoje, muito mais para o público jovem adulto, visto as abordagens contidas em suas histórias.

Com a popularização de grandes obras cinematográficas, este universo não ficou de fora, propondo também uma inovação no que se refere às indumentárias dos super-heróis, que deixaram de ter cores vivas para apresentar tonalidades mais sóbrias, combinando mais com o público alvo, que eram os que consumiam as HQ's na sua adolescência e que vieram a envelhecer, saudosistas da época. Mesmo com essa alteração no tipo de mídia, o surgimento dos filmes continuou a preocupar-se com as questões sociais que a obra original apresentava, ainda que tivessem algumas adaptações no roteiro, algo comum para obras literárias tornadas obras cinematográficas.

Nessa área podemos citar o exemplo da cura mutante, que é abordada no filme denominado “X-MEN: O confronto final”, mas que tem sua fórmula dispensada também nas HQ's. A cura mutante é uma clara alusão à “cura gay”, que tornou-se muito popular entre algumas denominações religiosas, como se fosse possível gerar uma cura para algo que desde o ano de 1990 foi retirado pela OMS do seu rol de enfermidades, deixando de chamar-se “homossexualismo” para denominar-se “homossexualidade”, pois em um contexto médico o sufixo “ismo” destina-se a algo que é doença.

A imagem a seguir apresenta relação sobre a questão da cura mutante. Enquanto o personagem Fera conversa com Logan sobre sua vontade de se colocar à disposição da cura mutante, Logan o alerta, de uma forma peculiar, sobre qual necessidade de se fazer tal procedimento. Logan utiliza o termo “se deixar capar” em uma alusão de que deixar de ser mutante seria como permitir a castração de si próprio, perdendo seus poderes que os tornam diferentes dos outros humanos.

Figura 7 - Sobre a cura mutante.



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/6377/637766243015/1519-9029-rpge-24-01-224-gf11.jpg>

Mas atentemos para uma situação pitoresca nessa imagem, o personagem que apresenta vontade de se permitir a cura mutante é alguém que possui características físicas visíveis de mutação, ou seja, ele não pode se esconder, fazer-se de “normal”, pois seu corpo, coberto de pelos azuis e com características felinas, bestiais, são de fácil percepção por qualquer pessoa que o observe em qualquer ponto. Ao passo que Logan (Wolverine) apresenta seus poderes no momento que lhe for aprazível e necessário, passando facilmente por alguém que seja “normal”.

Na sociedade é comum percebermos características semelhantes. Para um negro, por exemplo, é impossível fazer-se passar por uma pessoa branca. Para alguém que tenha deficiência em um braço, é praticamente impossível tentar se apresentar como tendo o braço completo. Já para um homossexual há a possibilidade de ocultação da sua diferença em relação ao que se considera normal, pois a pessoa pode aparentar, fazer-se passar, por heterossexual. Por isso algumas pessoas, escondendo a sua natureza e orientação sexual, tornam-se infelizes, estando em uma sociedade opressora que considera a sua diferença algo errado.

Portanto, a pessoa passa a colocar-se em um local que não se apresenta como seu, unicamente para sentir-se acolhido pelo padrão “normal” que a sociedade ao qual ele se insere lhe propõe. Porém, nestes casos, tal local é completamente violento (no sentido de violentar) para esta pessoa, fazendo com que a infelicidade tome conta vindo a ocasionar, em casos

extremos, o desejo da morte, podendo gerar até mesmo o suicídio. Este fator é considerável para abordagem na relação que ora propomos.

Dessa forma, as pessoas que percebem-se envoltas no caso em análise chegam a buscar “cura” para sua “enfermidade”. É neste sentido que Logan alerta Fera, em outras palavras o que ele quer dizer é que não existe a necessidade de ser curado de algo que não é doença, que a pessoa precisa conhecer-se e saber que ela é completa e normal da forma que ela é.

Vejam este outro trecho da conversa entre Fera e Logan:

Figura 8 - Conseqüências da cura mutante.



Nessa sequência de diálogo, o personagem Fera fala para o personagem Logan que já teve dedos e “uma boca capaz de beijar”, antes de suas características mutantes se manifestarem. Admite também que seus sentimentos estão em conflito, pois teme que sua forma bestial e animalisca, devido a sua mutação aparente, o leve a perder o controle e conclui dizendo que ele também é um ser humano, mesmo que sua aparência seja distinta. Neste momento Logan o conduz à reflexão de que ele não é apenas um ser humano, é um X-MEN.

Ou seja, as características que levaram Fera a lutar por algo maior ao unir-se ao grupo X-MEN são as características que ele tem naquele momento e que são importantes e necessárias, qualquer alteração nestas características fariam com que ele não fosse mais o indivíduo que é, mudando-o da forma que a sociedade coloca que deva ser. Em outras palavras, Logan quer dizer que ele é bom exatamente daquela forma, de outra forma poderia continuar sendo bom, mas não seria mais um X-MEN.

No cotidiano social diversas vezes encontramos situações semelhantes, a percepção é clara, onde pessoas buscam tornar-se o que de fato não são, buscando uma aceitação social em um lugar que não é o delas, tentando estar conectadas com o que a sociedade apresenta enquanto forma “normal” de viver.

Aqui não se fala em ascensão social, mas sim em perda de identidade, como aconteceu, por exemplo, com os descendentes de escravos que, ao serem trazidos para o Brasil forçadamente passaram a ser obrigados a cultuar um deus que não fazia parte da sua cultura, não estava no rol das divindades às quais eles acreditavam, perdendo características de sua cultura mãe.

Citamos aqui a relação entre cultura e fé, mas também podemos colocar a vestimenta, a forma de se vestir, como adulteração da cultura dos mesmos povos, sendo obrigados a vestir-se com o modelo europeu de indumentária, ou ainda em relação aos alimentos que costumavam consumir, enfim, perdeu-se a cultura em uma busca de padronização por um modo europeu de se portar.

Já em outra passagem das HQ's, importante debate surge, pois podemos perceber uma clara alusão à “cura gay” da qual tanto ainda se fala:

Figura 9 - Alusão à cura gay.



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/6377/637766243015/1519-9029-rpge-24-01-224-gf7.jpg>

A médica que aparece propondo a cura mutante é questionada por outra médica que, aparentemente, discorda da proposta de cura. Questiona qual será o próximo passo, se será a eliminação de um “gene gay”, pois a cura proposta aos mutantes eliminaria o “gene X”, responsável pela mutação. Neste sentido a médica coloca que o mundo tem necessidade da cura mutante e que a homossexualidade não apresenta riscos para a humanidade. Neste momento é feita claramente um crítica aos religiosos que em programas de televisão americanos proclamam a necessidade da “conversão” dos gays em heterossexuais, pois estaria contrário a natureza do homem.

Outro ponto interessante nesse diálogo é quando a médica que está colocando-se contrária a cura mutante invoca o nome de Oppenheimer. Trata-se de Julius Robert Oppenheimer, físico estadunidense, diretor do projeto Manhattan, que desenvolveu a bomba atômica. Ela o invoca, pois o compara com a médica que propõe a cura, dizendo de forma irônica que, tal qual Oppenheimer, ela também tem somente boas intenções. Desta forma, critica a personagem e também um dos inventores da bomba atômica por conta de seu poder destruidor, comparando ambas as situações.

3.2 DENTRO DA SALA DE AULA

É perceptível a tamanha riqueza destas passagens para que sejam trabalhadas com alunos e alunas que são, na atualidade, imediatistas e extremamente visuais. Diversas histórias, ou trechos de histórias, do universo que ora é objeto desta pesquisa se mostram importantes e possíveis de utilização enquanto recursos didáticos para as aulas de sociologia, para que os adolescentes melhor compreendam os fenômenos sociais que nos cercam e nos apresentam diferenças entre os indivíduos. Queremos ser de que forma? Intolerantes como o governo fictício, ou a medicina das histórias, ou tolerantes como se apresenta o personagem Professor Xavier, acolhendo os mutantes que não podem permanecer em suas famílias por conta das suas diferenças? É uma boa questão a ser proposta para reflexão.

Os professores estão acostumados com a utilização de pequenas HQ's, que denominamos "tirinhas", nas aulas. Diversos personagens críticos são utilizados, vemos "Armandinho", "Mafalda", "Charlie Brown", "Calvin", "Turma da Mônica", entre outros, até mesmo em provas de vestibular, concursos e ENEM. Porém não costumamos propor a utilização do gênero da superaventura enquanto gênero literário neste contexto e a proposição deste estudo é, desde o início, que percebamos quão rico é este universo.

Quando falamos em preconceito e intolerância no universo X-MEN, torna-se imprescindível estarmos atentos para podermos perceber as diferenças entre personagens e o que estas diferenças têm a contribuir no que se refere ao contexto da tolerância para com estas situações.

Já fora anteriormente comentado sobre a personagem "Vampira", que possui poder de absorver as forças de outra pessoa com o simples toque e como ela tenta se conectar com outros grupos sociais para sentir-se acolhida, gerando violência por onde passa, mas também apresentando um perfil de "violentada" em uma relação de opressão. Neste sentido, em

relação à violência e aos violentados enquanto oprimidos, local em que se encaixa perfeitamente a personagem Vampira, o educador brasileiro Paulo Freire vem nos dizer que:

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como *outro*. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas *se* amam. [...] Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que a negaram, negando também a sua. Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram (FREIRE, 2003, p. 42-43).

Nesta história é importante percebermos que, quando Vampira foge da casa de sua tia que a criava e fica vagando sem rumo, ela é encontrada pela personagem “Mística” (Raeven Darkholme) que lhe dá guarida. Como ela acolhe Vampira ainda muito jovem, Mística passa a tê-la como filha. O interessante nessa relação é que Mística tem uma parceira amorosa, também mutante, que se chama “Sina” (Irene Adler). Ou seja, aqui há uma relação homoafetiva e que vem a adotar uma adolescente. Tal relação pode muito bem ser abordada em sala de aula como proposição ao debate acerca dos direitos civis de casais homoafetivos.

Por falar na personagem Mística, é importante lembrar os poderes que ela desenvolve. Mística possui a habilidade transmorfa, ou seja, pode transformar seu corpo e sua aparência em qualquer pessoa que queira, tornando-a especial para o serviço de espionagem junto à Irmandade de mutantes. Mas o que podemos tirar de proveito enquanto professores de sociologia a respeito de tal informação? É comum percebermos, atualmente, mas também há muito tempo, que as pessoas que não se encontram satisfeitas com a sua aparência partem em busca de alterações através de diversos métodos. Dietas, cirurgias, marcas na pele, adereços anexados ao seu corpo, enfim, há diversidade de possibilidades que os indivíduos utilizam para alterar o seu aspecto físico.

A indústria de consumo insere diariamente no cognitivo dos indivíduos as possibilidades e as “necessidades” que as pessoas têm de serem diferentes para serem aceitas socialmente. A crítica contida na relação entre o poder apresentado por Mística vai neste mesmo sentido, pois, a aparência normal da personagem lhe apresenta com a totalidade da pele de seu corpo na cor azul e seus olhos de cor amarela, o que a torna temida por apresentar uma figura amedrontadora. Assim, com seus poderes, ela passa a ter trânsito entre os seres humanos sem qualquer mutação genética. Um dado interessante é que o personagem “Noturno”, o qual já apresentamos anteriormente como um Católico fervoroso, é filho de

Mística, daí a semelhança entre as tonalidades de pele de ambos, fruto de um relacionamento que ela teve com o demônio “Azazel”, do qual Noturno herda a característica física de demônio.

Aqui surge outra problemática que pode ser abordada em sala de aula utilizando a história entre os pais, Mística e Azazel, e o filho Noturno. A problemática, neste caso, é o abandono parental na sociedade e a forma de desenvolvimento e reaproximação, pois Noturno é abandonado pelo pai, que jamais fora atrás do filho, mas também pela mãe, que em uma fuga por conta de uma possibilidade de linchamento dela e do filho o abandona jogando-o em um rio.

Com o personagem Noturno, da mesma forma, diversos problemas importantes podem ser abordados. Noturno (Kurt Wagner) é nascido na Alemanha, por possuir duas características aparentes de mutação ele é temido pelos seres humanos “normais”. Tem uma fina camada de pelos na cor azul e possui cauda e orelhas pontudas. Seu poder principal é de teletransporte.

Como explica Silva, “Essa estereotipagem divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável, excluindo tudo o que é considerado diferente, sendo parte da manutenção de certa ordem social e simbólica” (SILVA, 2018, s/p).

Interessante também é a percepção do poder principal de Noturno, o teletransporte, ou seja, por conta de sua aparência ele utiliza o poder para autoproteção. Na vida, muitas vezes, percebemos que a juventude, quando se coloca em um local de opressão, busca, exatamente, “desaparecer”, estar apartado dos problemas que a cercam, é uma alusão importante que pode ser considerada em sala de aula.

Freire vem nos apresentar uma ideia acerca dessa inserção do oprimido na sociedade e o medo que, tendo por referência este personagem, Noturno, apresenta em relação ao seu convívio social enquanto indivíduo. No dizer de Freire:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 2003, p.34).

Tendo estas características, Noturno se coloca como mais um mutante renegado pela sociedade por conta de sua aparência. Neste sentido poder-se-ia trabalhar com os alunos questões acerca da aceitação das diferenças físicas em nossa sociedade, pois, apesar da

aparência demoníaca, Noturno era extremamente gentil com todos, bem-humorado, com grande fé, o que o levou, inclusive, à tentativa de entrada em um seminário com o intuito de se tornar Padre.

A figura abaixo nos apresenta a forma como a sociedade e o governo percebiam Noturno:

Figura 10 - Rótulos nos mutantes.



Fonte: https://www.torredevigilancia.com/wp-content/uploads/2019/09/1420496_496123187153398_41420822_n.jpg

Aqui percebemos o personagem “Ciclope” (Scott Summers) questionando novamente o Reverendo Stryker sobre os rótulos atribuídos aos mutantes. Stryker aponta para o personagem Noturno utilizando o pronome demonstrativo “aquilo”, se “aquilo” poderia ser considerado humano. Aqui se percebe todo o desdém que a maioria dos humanos sem mutação genética retratados na saga X-MEN têm pelos mutantes. Porém, no mesmo quadro, quando o personagem Ciclope questiona Stryker, Ciclope coloca que a verdadeira espécie humana poderia ser a espécie mutante, já os humanos poderiam estar em local invertido. Ou seja, Ciclope quer dizer para o Stryker para colocar-se no lugar dos indivíduos pertencentes às minorias para tentar compreender o sentido da luta deles.

Há muita dificuldade, como visto na figura, na aceitação das diferenças. Ailton Krenak aborda essa questão muito bem em suas obras, especialmente quando se coloca efetivamente como representante indígena. Na fala de Krenak:

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos. Nosso amigo Eduardo Viveiros de Castro gosta de provocar as pessoas com o perspectivismo amazônico, chamando a atenção exatamente para isto: os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência (KRENAK, 2019, s/p).

Mas a principal problemática que nos apresenta o texto e imagens das HQ's do universo X-MEN, continua sendo o preconceito racial, tal qual sua gênese em que os principais personagens, líderes de dois grupos distintos, se apresentavam mimeticamente, como já abordamos no início deste escrito, com dois expoentes da luta pela igualdade racial, Martin Luther King Jr e Malcom X.

Por óbvio, passando o tempo e percebendo diversas outras possibilidades de abordagem, como preconceito de gênero, de sexualidade, de aparência física, enfim, os criadores vão desenvolvendo estas novas temáticas. Neste caso se torna muito coerente utilizarmos as HQ's em questão para verificarmos situações relacionadas com o racismo estrutural.

É importante notarmos que o preconceito racial difere do racismo propriamente. O preconceito racial surge, como abordamos anteriormente, em momentos em que desconhecendo determinada pessoa, ou determinado grupo social, partimos para a ideia de que o que tal grupo produz ou apresenta não é bom, pois é diferente do que nós costumamos fazer. O racismo parte de outro princípio, é quando, aliados ao preconceito enquanto ideia pré-estabelecida de alguém, partimos para a ofensa pura de forma a escancarar que nós somos melhores, o diferente não presta, mesmo sem perceber que biologicamente o diferente é igual ao próprio racista. Assim, o preconceito racial, também o racismo, está presentes na sociedade.

Em geral quando se pensa em racismo se pensa em uma violência direta contra uma pessoa negra, contra um judeu, contra um indígena, contra um cigano, entre outros. Na medida em que se ofende alguém, ou ainda quando se impede a entrada de determinada pessoa em certo ambiente, surge a discriminação enquanto ordem direta, entretanto, para compreender o racismo devemos compreendê-lo enquanto fenômeno conjuntural. Costumamos tratar o racismo como uma anormalidade, mas o que a noção de racismo estrutural apresenta é que o racismo não pode ser considerado como algo anormal, é, de fato, algo normalizado e normatizante.

Quando falamos em algo normalizado é no sentido de que se torna independente de aceitação ou não, ele, portanto, constitui suas relações em um padrão de normalidade. O racismo é uma forma de normalização e de compreensão das relações, constituindo não somente as ações que são conscientes, mas também as ações inconscientes.

Nesse sentido tornamos a invocar o personagem Magneto como exemplo de fato social patológico, pois, apesar de fazer uma luta justa, visando à aceitação dos mutantes enquanto seres que podem viver, busca na violência a alternativa para tal aceitação, chegando ao limiar de considerar a raça mutante enquanto raça superior. Enquanto que o fato social normal busca na solidariedade a ordem institucional para o bem viver. Assim, é possível perceber algumas posições em relação à estruturalidade do racismo. Na fala de Silvio Almeida:

A tese central é de que o *racismo é sempre estrutural*, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019, s/p).

Quando se utiliza o termo “estrutural” para o racismo, se está falando de três dimensões: a área da economia, da política e da subjetividade. Estes são os três pontos que constituem a estruturalidade do racismo, que fazem parte da própria dinâmica em que o indivíduo vive cotidianamente.

Por exemplo, tendo em vista as HQ’s, que estamos a discorrer no percurso deste trabalho, percebemos que a área da subjetividade é muito aparente, pois os seres humanos sem mutações estão se posicionando contrariamente aos humanos com mutações genéticas pelo simples fato de que estes são diferentes do que os humanos “normais” já estão acostumados, ou seja, o diferente gera temor, principalmente quando tal diferença coloca o “diferente” com possibilidades de sobrepujança frente à normalidade, pois conta com poderes sobrehumanos.

A área da política também é muito observada nas HQ’s. As histórias apresentam, inclusive, um personagem, Robert Kelly, Senador dos EUA, que lidera toda essa sanha anti-mutante por não concordar com a forma de vida que eles apresentam.

Neste sentido adentramos, também, na questão da economia. Percebemos que o poder econômico, durante a leitura das HQ’s, interfere, pois, como exemplo, na questão da cura

mutante. Há, por óbvio, financiamentos para que se desenvolvam drogas com vistas a “purificar” toda a raça humana. Com isso se percebe que o racismo é estrutural e não existe outro racismo que não seja estrutural, pior, é estrutural e estruturante. É estrutural e gerado a partir de questões estruturalmente estabelecidas. A luta pela transformação social passa pela luta contra o racismo nessa sua dimensão estrutural, o que significa que deve-se abrir mão de privilégios para que a luta contra o racismo seja uma luta efetiva. Então, o universo X-MEN pode muito bem ser trabalhado em sala de aula na relação do racismo, principalmente se retomarmos a gênese de toda a saga.

Percebamos, portanto, em um trecho de uma das histórias mais aclamadas da saga X-MEN, que conta com um título bem sugestivo e provocador, especialmente para a parte mais conservadora da sociedade, denominada “Deus ama, o homem mata”.

Aqui busca-se a abordagem da questão religiosa em um contexto de provocação aos seres humanos “normais” frente ao que Deus, teoricamente, apontaria como certo ou errado, entre o que Deus criou e o que não é a obra de Deus, ou seja, representando os “normais” como criados por Deus enquanto que os mutantes seriam criaturas malignas, que deveriam ser eliminadas por não agradar a Deus.

Essa ala conservadora das HQ’s em questão apresenta, principalmente, o Reverendo Stryker e o Senador Kelly como detentores da liderança entre os que fazem parte do grupo que mais combate os mutantes em toda a saga, justamente por conta de suas crenças religiosas e punitivas, conservadores extremistas que buscam justificar suas ações sob a bandeira da religiosidade e da fé.

Na figura a seguir destaca-se um discurso fervoroso, uma “pregação”, utilizando um termo recorrente quando se destaca figuras envoltas no meio religioso, do Reverendo Stryker para uma multidão de pessoas, onde obtém-se até mesmo a informação, através do Senador Kelly, de que o Presidente dos EUA se agrada das ideias ali difundidas, nesse caso demonstrando que o Presidente na trama estaria agrado com a situação da perseguição dos mutantes por conta dessa ojeriza criada a partir de crenças religiosas que vinham justificar qualquer barbaridade provocada. Facilmente percebe-se a ojeriza deles em relação aos mutantes.

Figura 11 - Discurso do Reverendo Stryker.



Portanto, torna-se de grande valia e proveito termos como instrumento de abordagens de relações em sala de aula, se bem estruturada a estratégia didática, as HQ's do universo X-MEN. Pois contam com uma elevada soma de conceitos, dinâmicas e histórias desenvolvidas desde questões reais que podem ser exploradas com vistas à qualificação das aulas ou enquanto instrumento orientador sobre possibilidades dessas abordagens que poderão diversificar o planejamento docente no que se refere, especialmente, à abordagem do preconceito e intolerância.

4 CONCLUSÃO

Após todo este processo de reflexão, que teve por base a contextualização das HQ's do universo X-MEN, bem como o universo da superaventura, enquanto possibilidade de geração de estranhamento e desnaturalização frente aos anseios da juventude em idade de ensino médio, através da proposição da utilização deste tipo de literatura para a formulação de problemáticas, podemos perceber várias situações.

Uma das propostas apresentadas desde o princípio do presente trabalho foi justificar as HQ's enquanto Literatura. Mais que isso, podemos perceber, através da pesquisa, que algumas HQ's, ou alguns universos ligados a esse campo são atemporais e dignas de retomadas constantes, contextualizando-as em seu tempo, porém retomando-as são passíveis de nova contextualização para a atualidade, justamente por serem atemporais e apresentarem debates que ainda hoje se encontra vigente e vão ao encontro dos interesses dessa juventude imediatista e que busca no aspecto visual a satisfação frente às problemáticas propostas e analisadas.

O contexto de criação do gênero da superaventura, no qual se insere o universo X-MEN, percebemos que se torna muito importante enquanto informação precedente ao estudo no meio sociológico, pois algumas mudanças em nível mundial no que se refere à luta contra as desigualdades, especialmente raciais, surgem na mesma época, possibilitando uma maior reflexão acerca disso e interferindo na gênese contemporânea da justificação das lutas dos movimentos negros. Através da origem dos super-heróis percebe-se que serão atacadas tais situações mimeticamente.

Com este estudo conectado aos conceitos sociológicos vamos perceber que desde os clássicos podemos abordar tais situações. Como pudemos notar na relação entre as HQ's e os conceitos propostos por Durkheim, especialmente quando nos referimos ao fato social e sua dimensão coercitiva, pois o indivíduo vai agindo de acordo com a pressão proposta pela sociedade em que vive, muitas vezes sem perceber toma discursos para si que provém de situações apartadas de si. Na relação com os X-MEN o fato deles se colocarem como “diferentes” leva a sociedade a odiá-los, por receio, por medo, ou simplesmente pelo fato de que a própria sociedade, leia-se governos, incute de forma imagética a tremenda possibilidade de dominação que seres tão bestiais poderiam gerar no mundo.

Neste sentido, percebemos que o universo das HQ's, especialmente dos X-MEN, vem suprir uma necessidade de utilização de formas chamativas para o trabalho dos conceitos sociológicos dentro de sala de aula, principalmente quando percebemos que há a necessidade

de maior abordagem nas relações de preconceito e intolerância frente à pressão exercida pelo contexto social atual, que vai pretender a inserção dos indivíduos em um universo de desinformação oriundo do senso comum.

Como exemplo da necessidade de se trabalhar tais questões com maior afinco, podemos perceber a temática da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2022, que diz respeito aos “desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”. Ora, fica evidente a conexão de tal temática com os objetivos propostos no presente trabalho, uma vez que a respeito da qualificação de povos tradicionais temos os povos indígenas, quilombolas, povos ribeirinhos, ciganos, dentre outras comunidades como as de terreiro, entre outros, que se encaixam sobremaneira dentre a relação de povos não raras vezes marginalizados, que sofrem com o preconceito e a intolerância. Assim se torna efetivo o debate com vias de utilização, como visto, até mesmo na redação do ENEM, comprovando a necessidade e a importância de vias alternativas para estudo, como é o caso das HQ's.

Como nossa motivação principal para a geração do presente texto foi a busca por proporcionar, sobremaneira, a reflexão sociológica, mas que se apresentasse de compreensão acessível ao jovem, com a temática do preconceito e da intolerância, nas suas mais diversas formas como abordado até este momento, vamos atingindo nosso objetivo principal ao apresentar um estudo de análise das HQ's enquanto forma de reflexão dessa sociedade atual. Assim, proporcionamos aos alunos e alunas, como aqui visto, formas diversificadas e acessíveis de compreensão tendo por base os temas sociológicos. Dessa forma, podemos perceber quão prejudicial é, na humanidade que está patologizada pelo senso comum, a intolerância e o preconceito, especialmente quando conseguimos apresentar essa relação com as HQ's, instrumento norteador de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Ebook Kindle.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Loulin. 2. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2002. *E-book Kindle*.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução: Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. *E-book Kindle*.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.
- GONÇALVES, Fábio Mahal; REINA, Fábio Tadeu; SIQUEIRA, Ranyella Cristina de; CARVALHO, Marco Aurélio de. **O tratamento aos mutantes como alegoria da patologização de sujeitos de gêneros não-inteligíveis: Uma leitura a partir das HQ dos X-Men**. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 24, n 1, p. 224-246, jan./abr., 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book Kindle*.
- LEE, Stan. Genarator X. Entrevista concedida a Bob Strauss. The Guardian. 12 de agosto de 2000. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2000/aug/12/features>>. Acesso em: 26. jan. 2023.
- LITERATURA. In DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- LIVROS. Bom Dia Brasil, Rio de Janeiro: Rede Globo, 13 de julho de 2020. Programa de TV.
- MARQUES, Edmilson. **Super-heróis: ficção e realidade**. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (org.). Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Aparecida: Ideia & Letras, 2011. p. 93-119.
- OLIVEIRA, Michael de. **Clássicos literários como motivação para a aula de filosofia**. REFilo, Santa Maria, v. 5, ed. 2, p. 143-155, jan/jun 2019.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Para além da tolerância**. Caderno CRH, n. 32, p. 31-54, jan./jun. 2000.
- SCAFURA, Breno Enzo. **Novos pontos de acesso à mitologia mutante através da transmeditização dos textos de X-Men no cinema**. In: SILVA, Michel (org.). Para além dos X-MEN: embates e representações do universo mutante. São Paulo: Todas as Musas, 2018. *E-book Kindle*.
- SILVA, Michel (org.). **Para além dos X-MEN: embates e representações do universo mutante**. São Paulo: Todas as Musas, 2018. *E-book Kindle*.

SIQUEIRA, Cris. **Brasileiros gostam mais de HQ em papel**. Coxinha Nerd, 2016. Disponível em: <<https://www.coxinhanerd.com.br/hq-em-papel/>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

SMANIOTTO, Edgar Indelcio. **A “Mansão X” e a “Escola do Jardim”: uma leitura epicurista dos X-Men**. In: SILVA, Michel (org.). Para além dos X-MEN: embates e representações do universo mutante. São Paulo: Todas as Musas, 2018. *E-book Kindle*.

SRBEK, Wellington. **Super-Heróis: Um fenômeno dos quadrinhos**. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2017. *E-book Kindle*.

VIANA, Nildo. **Super-heróis: ficção e realidade**. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (org.). Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Aparecida: Ideia & Letras, 2011. p. 15-53.

VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. Aparecida: Ideia & Letras, 2011.